



Poesias 1977-1988

José M. da Silva

Co

SOMBRAS

(poesias da juventude)

Poesias 1977-1986

José Manuel da Silva

©

Copyright

ÍNDICE

PREFÁCIO	5
EM QUE NÃO ACREDITO MAIS	
I	6
II	7
III	8
IV	9
V	10
VI	11
VII	12
POEMAS COM NEXO	
I	13
II	14
III	15
IV	16
ATRÁS DA MANGUEIRA	17
BEIJO DE DESCULPA	18
MACHO E FÊMEA	19
ECO	20
POEMA AO MUNDO EM QUATRO ATOS	
I	21
II	22
III	23
IV	24
DIVAGANDO	25
PRA NÃO SEI QUEM	26
SÓ	27
NO CAMINHO	28
POENTE	29
NOTURNO	30
O LENÇO BRANCO	31
MAIS VIVO	32
DE NOVO	33
DOIS SEGREDOS	
UM	34
DOIS	35
DAS RIMAS AMARELADAS	36
E A VIDA CONTINUA	38
POEMAS EM BRANCO	40
TRANSE Nº 284	42
DEPOIS DO JANTAR	45
TRAGO	47
DOIS DIAS	49
COISAS DE AMOR	
UMA	50
DUAS	51
CANÇÃO PARA DESBRAVAR O MAR	52
CONFISSÃO	53
PORRADA	54
ELOS	56
POEMA DE DOMINGO	58
A DOBRA	59
FRAGMENTO	62
TEMA ALCÓOLICO I	63
TEMA ALCÓOLICO II	64
ACHADO	66
PASSAGEM DE ANO	67

ODE AO VENTO	70
PORQUE SEMPRE ME LEMBRAREI DE VOCÊ	I 73
	II 75
	III 76
	IV 77
	V 78
VALORES	I 79
	II 84
ADMIRANDO A PINTURA TRISTE DE UM PALHAÇO-MENDIGO	I 85
	II 86
	III 87
	IV 88
	V 89
PARA QUEM JÁ AMOU	90
MAIRA	92
CAFÉ DA MANHÃ	93
PENSANDO EM TANCREDO	94
A ELITE	96
DA VIDA I	97
DA VIDA II	98
O PRÓXIMO INTERVALO	99
AUTO-ALGUMA COISA	101
O DIA DOS AFLITOS	102
DAS PALAVRAS	103
UM MEDO BOBO	104
O PONTO FINAL	105
CONTEMPLANDO O CASACO EM CIMA DA MALA	108
UM DIA FUI REI	109
POEMA SOBRE O NADA	111
INACABADO	113
CANÇÃO DE NINAR	114
VIVER PRA PODER TE AMAR	111
A ROSA	116
LEVA O MEU BEIJO	117
DISSECANDO O SONO	118
DESEJO	120
ADEUS	122
DE NOVO, O AMOR	124
POR PERTO	125
DE DIA E DE NOITE	126
A UMA ESTRELA	127
ALENTO	128

PREFÁCIO

Não são palavras
somente
são lembranças
de um tempo vivido nas sombras
nas sombras do quarto
das armas
da mente
do mundo que cerca o enfim.

Ainda há sombras
é fato
mas o que importa
é estar lúcido o bastante
embora louco e errante
para ler as entrelinhas
da poesia da prosa
da prosa da poesia
visto que há dor
e também há rancor
e alegria e amor
velho novo tudo nada
como num diário
um pensamento intermediário
e há rima também
às vezes desordem
só pelo desejo de compartilhar
as sombras de um ciclo finado
e também um muito obrigado.

EM QUE NÃO ACREDITO MAIS

I

Venham poetas!
Venham descrever a minha dor.
Venham fazer-me chorar
com suas palavras amargas.
Venham consolar-me com seus versos
cheios de alegria.
Venham iludir-me
com sua forma ou anti-forma.
Mexam com meus sentimentos,
e frustrem-se ao não conseguirem
dominar o meu coração selvagem,
jovem de emoções
e ávido pela vida.

Copyright

II

Naquela colina deserta,
à sombra de uma árvore
cujos frutos coloridos pontilham de vida o espaço ao redor;
ao som dos pássaros cantores que retornam para casa
após um árduo e longo dia;
sob o crepúsculo que anuncia a chegada de uma quente e
agradável noite de verão;
neste lindo lugar,
está o poço dos desejos.
A um simples pedido,
ele estará pronto a realizar os seus mais impossíveis sonhos.
E este lugar celestial
é fácil encontrá-lo.
Ele existe em cada um de nós.
Basta querer procurá-lo,
e basta querer também achá-lo.

Copyright

III

Eis-me chegando,
cheio de amor pra dar;
louco pra poder começar;
a viver.
Com vontade de rir e chorar;
com vontade de alguma coisa arriscar;
e esperando algo novo criar.
Eis-me passando,
sem saber se estou agradando;
sem me preocupar,
com o que os outros estão pensando.
E como tudo,
eis-me saindo,
indo pra outro lugar
pra mais coisa experimentar,
e pra mais uma vez perguntar:
PRA QUÊ?
E qual a moral,
de uma coisa amoral,
de uma vida imoral,
de alguém imortal,
de buscar o ideal,
de não saber afinal,
se é bom o bem ou o mal?

Copyright

IV

Muito prazer,
eu sou o louco!
Vim a mando das frustrações, complexos e neuroses.
Vim com minha loucura,
para ver se as pessoas esquecem um pouco a rotina.
Esta sim, verdadeira loucura,
que desumaniza tudo e todos;
que desnaturaliza a vida;
que torna as pessoas frias;
que extingue o amor,
e acende a ira e a dependência.

Copyright

V

Cai a noite com suas asas negras sobre a mente dos que não evoluíram. E um grito de pavor é dado por aqueles amarrados aos moldes antigos, quando se sentem acuados pelo progresso que eles mesmos criaram; e que aos poucos traz de volta à natureza os seres por eles gerados. E eis que, neste cenário morto, vai tomando forma o justiceiro que havia sido encarcerado na ilha da rotina e preso entre os grilhões dos preconceitos; eis que vai surgindo, para a salvação dos que estão por vir e daqueles que se abriram, aquele que vai salvar o mundo do caos: o viver.

Copyright

VI

As quedas constantes no meu caminho fazem-me prever um futuro incerto. Mas as minhas poucas alegrias mostram-me realizado neste mesmo futuro. Em quem devo crer? Nos momentos em que não vejo sentido na vida, ou naquelas horas em que acho que encontrarei algo que me prenda a este mundo frio? Ou será que viverei a subir e descer?

Copyright

VII

Do mais irreal dos meus universos;
onde estão os meus sonhos impossíveis;
do mais sincero e profundo de meus sentimentos;
daquela mais distante de minhas recordações,
e de todas as minhas incertezas;
vai brotando esta sensação maravilhosa –
por que não tão rara? –
que experimento quando estou com você.
Pois de todas as coisas bonitas que se procuram
para se dizer a alguém tudo que sentimos,
a mais bela e completa é,
incrivelmente,
a mais simples:
meu amor.

Rio, 1977.

Copyright

POEMAS COM NEXO

I

(ou o que restou de Raul Seixas)

Eu sou o seixo que rola na praia
E sou a nascente que desce a montanha
Eu sou o rio que deságua no mar
E o mato que cresce na estrada
Não sou o bem e não sou o mal
Tenho o amor e também sei odiar
Sou a maçã que cai madura do pé
E que um pobre mendigo esmigalha
Sou a flor que os amantes recebem
E que no beijo deixam murchar
Talvez seja o deus de algum infeliz
Mas sou o inferno de meu próprio ser
Tenho a vida e vivo na morte
Sou tudo e não sou quase nada.

Copyright

II

Guarde seus conselhos, meu amigo,
para quem não pode ouvi-los;
deixe sua filosofia para quem não a entende.
Não tente me fazer aceitar algo em que
nem mesmo você acredita.
Por favor, respeite a minha pouca inteligência.
Não sou contra a sua ideologia,
mas a favor de meu próprio bom-senso!

Copyright

III

(no último pau-de-arara fagneriano)

O sino bate numa Igreja numa rua lá no fundo
prenunciando a nossa morte nos dias do fim do mundo.
Esse sol que cá em cima queima até a nossa alma
que o doutor acha uma pena mas não pode fazer nada.
Lá embaixo tem até livro sobre a gente,
mas de livro não sai água
pra molhar a nossa boca.
E nem tem nenhuma reza
que vai levantar nossos bichos que morreram.

Copyright

IV

Chove chuva gostosa
Vem e lava a alma dessa gente toda
Que reza e depois cospe na cara da gente.

Rio, 1978.

Copyright

ATRÁS DA MANGUEIRA(para Karla)

Quando a vida lá fora acabar
E a luz do seu quarto estiver apagada
Eu já devo estar lá atrás da mangueira
Com o coração a pular sem saber
Se de medo ou amor.
Olha só que vida gozada
O que foi que fizeram com a gente?
E você com o olhar assustado
Esquece um pouquinho do medo da gente
E me deixa orgulhoso de ser o primeiro
A pensar que o seu coração beija-flor
Para sempre é só meu.
Tem um gostinho amargo
Nas recordações que me voltam sorrindo
Ao chorar a saudade
De apenas um sonho.

Rio, 1979.

Copyright

BEIJO DE DESCULPA

Diz que tudo vai mudar
Diz que você vai voltar
Diz que a chuva que caiu
Vai secar com seu amor
Me fala uma palavra de carinho
Me pede um beijo de desculpa
Me diz que a vida é assim
Que a gente faz o que não quer
E depois me faz acreditar
Que esta foi a última vez
Das tantas já que você fez.

Rio, 1979.

Copyright

MACHO E FÊMEA

Analise seu orgulho
seu amor, seus preconceitos;
pense em sua condição
e nos mendigos do prazer.
Sua fé não tem sentido
quando o certo está errado;
abra os olhos para o mundo
que criaram ao seu redor,
mulher!

Seus canhões não cospem fogo
a escravidão é disfarçada
por lutar só pra mostrar
que lutar está na moda.
Consciência do valor,
fruta madura, inteligência;
sem o peso da incerteza
e sem medo, a liberdade,
mulher!

Rio, 1979.

Copyright

ECO

Pena que minhas palavras
sejam somente um mero arrastar de sons
num quarto escuro onde jazem embaralhadas
todas as minhas emoções.
Tento desesperadamente descrever o que sinto
para mim mesmo,
mas as palavras fogem-me à lembrança,
ou simplesmente eu não consigo identificar
o que sinto com algo conhecido;
não existe o verbo sentir alegria
e a tristeza que sinto é tão grande
que eu precisaria de um parágrafo inteiro
para descrevê-la ao invés de uma só palavra.
Ah! Como é difícil descrever uma sensação
quando se é leigo nas letras.
Como eu queria ser um poeta!...
Poetas conseguem achar o inachável no mais
abstrato pôr de sol;
conseguem descrever com belas palavras
o mais simples ato de amor,
ou seja lá o que for.
Mas as minhas palavras não têm o peso
das palavras de um poeta,
não causam o impacto que as dele causariam,
não têm o poder de fazer chorar,
não podem fazer ninguém sentir comigo
a angústia que sinto.
De não poder te abraçar, te beijar...
Mas como te beijar e abraçar se eu nem mesmo sei
quem você é? Você nem mesmo existe.
És só um sentimento,
uma sensação de abandono,
por tudo e por todos.
É... eu sou só um ser miserável
com quem os psiquiatras enriqueceriam,
que quer pensar que o mundo é belo
mas desiste por não ver beleza em nada.
Sou só alguém que tenta dizer que
está de saco cheio,
mas como isto é muito vulgar,
ninguém me dará ouvidos;
tudo isto será só o eco de minha insatisfação.
Palavras simples, ordinárias,
que querem dizer tudo
mas não dizem absolutamente nada.

Rio, 1982.

POEMA AO MUNDO EM QUATRO ATOS

I

Gente imbecil!

Ostentam com orgulho a máscara da falsidade,
bajulam até mesmo o odor do dinheiro.

Gente ridícula!

Mulheres de plástico,
fingem que sentem iludidas de poder,
mas só se ressentem da falta de prazer.

Gente fútil!

Pintam os lábios e andam nuas nas almas,
escravos do tempo e espaço,
perdidos nos sonhos da vida e da morte.

Gente doente!

Homens decentes de falsa moral,
falha moral,
atacados nos brios de veia antiga;
sou o fruto de vocês!

Mas sou a fruta apodrecida e caída no chão,
colhida antes do tempo, mordida e jogada,
pisada de mendigos descalços e sujos,
bagaço usado, chupado, seco ao sol,
comida de vermes,
da lama companheira também.

Porque também rastejo em Vossa lama,
sujo e contaminado por Vossa laia nojenta,
parceiro de Vosso Deus hipócrita
e todo-poderoso,
que tudo sabe e tudo faz,
mas incapaz de jogar sobre a Terra
o mínimo de razão.

II

Por que me dá flores?
Elas são o amor,
a esperança de alguém,
a própria essência da cor,
a luz...
E eu sou rejeitado, nunca amado.
Desiludido.
Vagueio pela sórdida escuridão de prazeres vãos,
trilho uma estrada sem fim.
Sem retorno.
Por que me dá flores?
Por que você?
Por quê?

Copyright

III

Se eu morresse amanhã
ninguém iria chorar minha partida.
Porque ninguém teve tempo
de me conhecer.
Se eu morresse mês que vem,
também não teria flores
porque não fiz nada de bom.
Se eu morresse ano próximo,
ainda não faria falta a ninguém;
não fiz o suficiente, não me entreguei,
não sou parte de nada.
Daqui a dez anos
sem choros
iria odiado
porque deixei que me vissem.

Copyright

IV

Meu amor é uma vela
que fraqueja com o vento.
Ilumina se mantida
mas que apaga com o tempo.

Rio, 1982.

Copyright

DIVAGANDO

Nas tardes em que fico sozinho,
 pensando, dormindo,
 nas noites em que a solidão me ataca com ferrões de tristeza,
 nos dias em que me sinto abandonado pelos outros seres humanos,
 nas horas solitárias do transporte urbano,
 que sacoleja e me irrita,
 quando penso na vida,
 no dinheiro
 e no amor,
 e aí me sinto ainda mais deprimido,
 nos momentos em que lágrimas desesperadas rolam pelo meu rosto
 aparentemente feliz,
 é justamente nessas horas que me lembro do sapo.
 Ou de qualquer outro bicho.
 O sapo é feliz – eu não.
 Ele não tem de se calçar,
 vestir,
 fazer amor,
 dizer besteira,
 ser hipócrita,
 ouvir baboseiras de quem não sabe nem para si.
 O sapo é simplesmente um sapo
 – porque nasceu um sapo e não há a menor perspectiva de se tornar outro bicho. Ele é sapo porque é, não
 [pergunta por quê, e como sapo está à margem dos compromissos sociais aos quais nós, os seres
 [superiores, nos amarramos para que assim possamos esquecer que somos meros seres humanos; e
 [para não lembrarmos de que não somos como o sapo –
 livres.
 Lá não existe o sapo e a sapa; só o sapo e a sapa.
 Portanto, querido sapo, meus parabéns. Os que em ti se mirarem, não só conhecerão o sapo, mas o
 [martírio de ser gente.
 Só não consigo entender por que o nosso cérebro é tão grande e o teu tão pequenininho...

Rio, 1982.

PRA NÃO SEI QUEM

E então foi-se o sol, com ele o dia.
No escurecer, o sol levou também minha alegria;
deitei e olhei pra mim mesmo por dentro do espelho de meus olhos fechados.
Tudo negro.
E então uma lágrima imbecil tenta sair do deserto de meus olhos,
mas o meu querer a fere com unhas de desprezo pela futilidade de uma lágrima desperdiçada sem razão.
Sem razão?
E o espelho? Reflete? Ou amplia?!!
E então veio a névoa,
espessa como meus desejos,
obscura como meu destino.
Por trás da névoa, olhando fundo, a luz da rua brilha;
- tenta brilhar -
tudo que consegue, porém, é um bolo de luminosidade que não ilumina,
só ameaça.
Fica a bola tentando vencer a névoa
- Droga, se eu fosse poeta!... -
Como eu...
E então a maldita névoa respinga meu rosto, fria, até os ossos.
Desisto de ver tudo, subo, e admiro as moscas que dançam no teto deste quarto branco, alegre e triste,
como se esperando que eu durma pra não sei o quê.
Mas elas nem pensam em mim.
Sou só mais um ser diferente e enorme que perturba a sua paz.
Como eu. Como você.
Se o sol me levou a alegria,
a noite trouxe o torpor - até a tristeza - e a névoa,
e a luz,
e você...
e a tristeza de você...
e a tristeza da lembrança de você...

Gramado, 1983.

SÓ

Cuidado, amigo!

De um lugar que você não quer nem imaginar que ainda existe;
quando tudo parecer perdido e você quiser a tábua de salvação
que vai tirá-lo do naufrágio da solidão desesperada-ora,
com o sorriso mais puro nos lábios
vermelhos;

com a voz que o alça, digamos, às alturas, quem sabe?
por um caminho alegre e florido,
e com palavras de consolo e amor e desejo;
de trás do muro da agonia,
ah! Ela vai aparecer.

E você vai desejar.

E talvez você vá ter.

Mas amigo, não se iluda.

O olhar é de desprezo, o sorriso é de falsete, o andar é de folia,
e o gostar é só de passagem.

Depois vais chorar, fugir, cantar...

E ela se foi – POR QUÊ? –

E ela sumiu – PRA ONDE? –

E aí tudo acabou – CUIDADO! –

Um outro vento vai soprar e uma outra folha vai cair no teu caminho;
e vais pisar (ou escorregar).

O mundo gira...

Sai o sol – escurece o céu.

E estás só...

Tiras a maçã, provas a maçã, e não gostas da cereja – e reclamas.

E estás só.

Ou então vais à uva e, por ser cara, comes a uva.

Mas amigo, escuta,

estás só...

Nascestes só, és só, morrerás só.

Tu e eu, mas quem sou eu?

Sou teu alerta, mas não me escutas.

Sou quem te avisa, e desprezas.

Sou o teu raciocínio mais racional,

mas não creditas a razão,

pelas razões do coração.

Sou a possibilidade remota na qual pensam as pessoas,

e ignoram porque pra não chorar.

Sou eu.

Sou o dentro, o lá no fundo.

A coceira da desconfiança.

É, amigo, não adianta.

Quando se está esperando tão ansiosamente, qualquer olhar é terno.

Não me acreditarás, nunca!

Mas deixa que te diga:

sou o espírito de um teu igual, que como tu pensava, e como tu amava;

e ainda como tu ouvia o que eu não sabia o quê.

E ainda como tu, morri de amor.

Agora só me resta avisar a todos, mas é tarefa ingrata...

Amigo, estás só. Como eu.

NO CAMINHO

Passado não é só algo que se foi.
É uma coisa que vai e volta.
Sempre!
É como a maré, a chuva e o sol, seja lá o que for.
Mas pior,
é também uma bola de neve;
cada vez que volta, volta maior...
Um cabelo, um olhar, uma perna,
até mesmo uma carícia terna, um trejeito, cacoete, sei lá...
até o sol morrendo acolá...
Tudo isto me coloca de novo nas mãos do passado.
Mãos calejadas da tristeza que aos outros tem levado.
As recordações que não são nada mais do que isto mesmo:
recordações.
Recordações não são felizes. Nunca!
Como podem ser alegres se são de algo que passou?
Passado. Passado e recordação.
Recordação e tristeza.
Tristeza e amargor.
E a vida que não passa...
Ah! passado, por que não me esqueces?
Me dá um presente para que possa entreter-me nas mãos alegres da ilusão,
por mais um tempo,
até que novo passado desponte por detrás do monte
de esta capa que é a vida.
Capa? Sim, e preta. Mas de babados cor-de-rosa.

Montevideo, 1983.

POENTE

Por trás da montanha que vejo
há um poente
quente...
Depois do poente na montanha,
há um lago
e uma casa ao fundo,
no fundo do mundo.
Em volta há o lago,
semicírculo de água com centro na casa.
E a luz do poente banha o lago e a casa com raios dourados.
De um sol triste de noite
que já quase é.
(Até o sol fica triste.)
De dentro da casa um gemido de dor,
não de calor.
E do gemido, o parto do silêncio, que é total,
eterno silêncio.
A lua, com pena do sol, aparece sobre o lago,
beija o sol,
e o põe a dormir.
Mas na casa tudo já dorme.
Um raio perdido de luar conseguiu penetrar pela fresta mais escondida da janela quebrada
– que raio maldito; poderia ter ido a qualquer outro lugar –
e cai sobre um fio de cabelo moreno que se estende pelo rosto enrugado,
de olho fechado;
tudo preso a um corpo inerte que nem pulsa mais,
de onde não se ouvem ais.
Sem mais me despeço sobre o peito nu,
sobre o peito que já soube arfar,
mas que agora repousa.
Sobre o seio pálido que nalgum tempo alimentou a mão desta despedida.
Ah! Vira-mundo.
Pela estrada acima do lago,
da casa e da montanha,
um carro solitário.
E o lago é tão bonito...

Colonia del Sacramento, 1983.

NOTURNO

Sono que não chega.
Olho do abajur para o teto e daí para as paredes.
Um ciclo que se repete há cinco horas,
desde que te deixei – nunca mais te verei.
Leio um pouco, parece que o sono se manifesta.
Então te vejo andando pela sala, mas ainda te desprezo,
embora estejas tão bonita
com este vestido rosa de fitas azuis...
Guardei o livro e o ciclo recomeça,
mas já sinto os meus olhos fecharem-se de sono.
Já até sentas em minha cama,
nos pedimos desculpas e nos beijamos, um sobressalto!!!
Não era você; mas era o sono.
Não vejo mais o teto, as paredes são todas de uma cor
(mais clara do que realmente é),
e aí nos amamos, e dormimos.
Não, minto.
Durmo – não estás cá.

Buenos Aires, 1983.

Copyright

O LENÇO BRANCO

Que bom ir embora,
que triste partir.
Quando se vai embora, tem-se a esperança de voltar;
mas não partir
– quando se parte é como se ir.
Se vais embora, vais todo.
E voltas todo, ou não voltas nada.
Se partes, vais só numa parte;
fica outra, a que não levaste.
Indo embora, olhas para trás com saudade.
Partindo, a saudade é tristeza.
Se vais embora é porque nada houve,
mas se partes...
Vai-te embora cão! – Viste? Não tem emoção.
Quando partes? – Ah! Solidão.
Quem vai embora leva a saudade gostosa do que fica atrás,
mas quem parte leva no olhar
– no olhar baixo –
a melancólica tristeza da recordação.
Se te vais embora, não precisas olhar de volta,
mas quando partes, olhas a todo instante,
para todo detalhe da estrada que te parece familiar.
E fechas os olhos,
esperando que acordes de um pesadelo,
nos braços de quem ficou.
Se vais embora, quem fica recorda;
se partes, quem fica sofre, e transborda.
Por que partiste!?
Por quê?
Porque...

Santiago, 1983.

MAIS VIVO

Quando o ar é propício, solto minha voz ao vento;
livre, bela, quente, cheia.
Mas parece que até aos pássaros emudeço,
pois param de cantar e recolhem-se aos ninhos.
Não sei se por culpa ou se por tédio!
Não sou um rouxinol, eu sei.
Será minha voz tão vera?
Ou será feia? Ou fera?
Depois fico triste a pensar:
o passado me volta ferindo, e o futuro me vem duvidoso.
Quando vou conseguir que minha voz seja ouvida pelos quatro cantos?
O que canto deve ser mui simplório;
deve ter um quê de falso, ou repetição, quem sabe?
Mas o vento parece que se delicia com o que canto,
pois sempre volta a sua brisa para mim e o eco do que cantei é gostoso, sincero, azul.
Sempre vejo o belo no bico dos outros pássaros meus camaradas,
sempre suas penas são mais vistosas, não sei...
Ah! Precisava sentir o meu azul mais azul,
o meu vermelho mais ativo...
Enfim, eu penso que precisava me sentir mais vivo...

Puno, 1983.

Copyright

DE NOVO

De novo me volta a vontade de correr e pular,
e falar.

A ti, de ti, sem ti, para ti.

E de novo me volta o teu sorriso de desprezo,
que vi uma vez e que não quero ver mais.

De novo me volta a dor que senti
quando todos se riram do que te disse.

É como um espinho vivo que pica e despica, vai e volta,
dolorosamente infernal.

De novo me volta a dúvida do fazer ou não fazer,
dizer ou não dizer.

Mas acho que vou repetir,
pois parece não ouvir:
te odeio, eu!

E que venha então a noite! Mas que depois o dia!

Puno, 1983.

Copyright

DOIS SEGREDOSUM

De vinho me embriago,
e com o cigarro me enveneno;
aos poucos.

E de lágrimas me alimento,
ao lembrar desses teus olhos;
loucos.

Um desperdício de paixão,
e mais uma vez a solidão.

Não chega a ser tristeza, é mais;
é um abandono ignorado, a mais;
é como se estivesse só.

E estou.

Ando pelo quarto, vou até o banheiro,
e volto para o quarto;
olho pela janela, seguro um livro sem vontade,
e me deito na cama.

Então fico a olhar o teto; e nos vazios da pintura,
enxergo esses teus olhos,
teus cabelos, teu ar, tua pose majestade.

Teu andar é seguro,
como não é meu coração;
não! É tudo uma ilusão.

E o pior é lembrar, lembrar e relembrar;
e cada vez parece que mais longe te vais.

Não devia ter memória;
os momentos deviam passar, marcar e simplesmente passar.

Mas a nossa memória é nosso castigo;

pois se lembramos o que temos,
vamos então ter mais;

e se lembramos o que não temos,
vem a consciência de que nunca o teremos.

DOIS

Que vulgar!

Se tu soubesses que cá me tenho a escrever,
que tento organizar algo que me diga alguma coisa;
que me convença de que não adianta nem tentar...

Me acho ridículo, e volto no tempo;
me sinto mal, de incapaz me arrebento.
Como são vulgares as minhas palavras,
e quão vulgar o meu sentimento.

Aqui estou a divagar,
e tu provavelmente a dormir;
ignorar.

Não há rimas, só pedaços,
só parcelas de sentidos já quebrados;
olhar vago no papel,
e sobretudo um vazio maldito.

Como é vulgar gostar de alguém!
Como é baixo escrever uma poesia,
de amor com dor!

Como é inútil pensar em ti.

Que perda de tempo te querer ter.

Como é antigo sonhar, e imaginar,
e no fim...

Ah! Se eu somente te pudesse abandonar em algum canto deserto de uma longínqua e inócua recordação;
se eu conseguisse simplesmente fazer com que meu cérebro apagasse esse teu olhar carinhoso...

Mas quantos já o não disseram?

Desculpa falar de ti,
desculpa te aborrecer.

Perdoa a humilhação,
e perdoa a vulgaridade.

Não repara também a simplicidade,
e não liga tampouco para a minha (in)felicidade.

Finalmente, perdoa por ser eu;
e não o teu sonho dourado,
que te espera em algum lugar
do presente ou do futuro.

Não repara muito na tristeza das entrelinhas,
na minha insegurança, insensatez;
ou talvez até numa volta à adolescência.

É que eu gosto tanto de você...

Mas não se preocupe:
isto você nunca vai ler!

Rio, 1983.

DAS RIMAS AMARELADAS

Vão casando-se os amigos...
envelhece a farra; não, nem sequer envelhece,
simplesmente aos poucos desaparece.
As rimas que me faziam as lágrimas
já estão amareladas de guardado,
e já são o bagaço do que pude lhes tirar.
Os olhares que um dia te lancei
agora são duros, frios e rápidos – e não é mais pra ti que olho.
Meu calção azul com remendo atrás
já não te causa mais risos;
até o coração que palpitava em nosso peito
já vai mais calmo, menos temperamental, menos afoito.
O não já é um talvez,
ou até um quem sabe – quem sabe?
E vão casando-se os amigos...
E mais casas,
e mais carros – até as cores vão mudando.
O som do telefone já não desperta
nenhuma esperança;
os preços disso e daquilo vocês os discutem alto,
destroçando meus ouvidos;
são cotações aqui e ruídos de oportunidade ali.
Olho a velha estante e já são outras as palavras que procuro
em dicionários de outras ciências mais modernas,
que trazem na capa fotos antigas.
Nem meus ídolos têm mais a mesma força,
não me motivam mais a ser o que eu sempre soube (mas nunca admiti)
que jamais poderia ser.
Até você, mãe, já desistiu de se aborrecer;
não mais me faz chorar com o seu choro fingido.
Seca aos poucos o leite que amamentava,
e o seio de que saía está com câncer
para o qual ninguém tem cura;
só, talvez, a morte nuclear.
Evapora-se o orvalho que me refrescava as faces de manhã;
já não acordo olhando a janela.
Nas ruas meus olhos já não olham,
simplesmente vagueiam admirados procurando o que vim procurar.
Os amigos vão morrendo;
sumindo, morrendo, tanto faz.
Adoeço quase sempre;
não tanto no corpo, mas no pensamento.
Luto mais desesperadamente,
mas parece que perco mais terreno;
cada passo à frente parece voltar outros três,
não vejo mais o fim do caminho: não sei mais aonde leva.
As estradas não são mais poeirentas, macias;
são duras e sem chuva.
O cheiro que sentia em seu perfume exótico
já é tão vulgar que me afasta de outros.
Você também já até desistiu de vir!

A dor já é maior,
não me controlo mais tão facilmente;
e o amanhã vem sempre mais rápido,
o sonho é só um adormecer leve e cansado;
e o acordar é um espanto de surpresa.
Multiplicam-se as perguntas,
mas escasseiam as respostas – parece que não há mais jeito;
antes, porém, havia.
Ou havia, pelo menos, a esperança de que havia. Ou não havia?
E os amigos vão casando...
Quem sabe um dia dou-me por vencido!?

Rio, 1983.

Copyright

E A VIDA CONTINUA

Sim. E daí?

Continua, mas pra onde?

E de que maneira?

Com quem?

Não, eu sou daqueles para quem a vida para.

Às vezes, pelo menos.

Se a vida só continuar,

sempre,

quando é, então, que vamos nos olhar no espelho?

Quando iremos pensar no que fizemos de certo ou errado?

Enquanto andas para o trabalho? No ônibus?

Não, não comigo.

Eu prefiro parar a vida de vez em quando.

Até o viver precisa de descanso;

deve também raciocinar.

E como? Sem parar?

A humanidade se esquece de parar,

e a vida continua...

Continua como?

Só por continuar? Ou só para continuar?

Ou só porque você diz que continua para não perder os segundos miseráveis que entram no bolso escroto
[de sua calça?

Continua até quando? Não tem fim?

O otimismo é louvável,

é até útil certas horas,

mas é supérfluo quando estamos aflitos.

Se vem a agonia,

então que venha!

E que tudo o mais ao redor fique agoniado;

até que a agonia se vá.

Ou que se decida por ficar mais tempo.

Nosso corpo é sempre um bom hospedeiro

até para as doenças mais graves.

E se o que vem é a alegria,

que venha, então.

E que tudo pare para ficar alegre também.

E que depois comece a chorar,

ou que continue a sorrir.

Mas há que se parar,

há que se ouvir um amigo,

e um inimigo.

Não, a vida não pode continuar

ininterruptamente, sem direção.

Temos de ter nas mãos o freio da vida.

Dominemos a vida.

Às vezes decido parar a vida por um pouco,

e em algumas dessas vezes tenho problemas:

a parada é longa demais.

Então o tempo não passa;

a amargura toma conta até da atmosfera.

Depois, então, é que a vida vai continuar.
Dizem, no entanto, que a parada da vida é a morte.
Se for...
E por que não?
Louvemos a morte!
Morramos um pouco de vez em quando!
Que nos preparemos;
afinal, a Grande Morte vai chegar.
Vamos sentindo devagar o gostinho metálico da morte;
ou da parada da vida, se assim o for!
Mas não podemos deixar que a vida,
de tão longa,
torne-se a nossa própria morte,
enquanto em vida.

Rio, 1983.

Copyright

POEMAS EM BRANCO

A dúvida que paira
no ar pesado do alvorecer
poemas em branco
versos loucos e esquecidos
pela mente desaparecem
oprimidos, reprovados, revoltados
com a rapidez da vida
o olhar fixado por segundos apenas
o falar re-aprisionado
sem que tenha sido ouvido
enquanto sons angustiados
de uma briga de palavras
de gente que se destrói
provocantes mulheres louras
e a língua sedenta que busca
nos copos de um bar
o alívio de um dia de sol
e as palavras que nem são ditas
e as que o são tão levemente
que são levadas pela brisa
que sopra do mar.
Tudo são imagens
que passam a correr
por breves instantes de luzes que brilham e se apagam.
Pisca a memória
imagens de tempos remotos
e também de coisas recentes
corpos que passam
bocas que se abrem em sorrisos
lábios contraindo-se de ódio e de dor
olhos acesos que ferem o ar
mãos que seguram objetos irreais
ares supostos propostos ao nada
e mais
muito mais
vêm e vão
mas minha mão
permanece a mesma
com veias salientes
e o sorriso de meus lábios
não vem já há tempos
e volta a brisa do mar
a maresia
e veículos barulhentos
que passam correndo
luzes vermelhas que piscam
ferem os olhos
e quem olha fica triste
com os casais que se abraçam
o homem não sabe aonde vai
e a outra brinca contente.

Fecham-se os olhos, então,
e sobrevém a negrura
o desespero do choro
não conforta mais como antigamente
soluços machucam o ser
na cama rangendo
o coração no extremo
do profundo pesar
e o ar é mais denso, mais tenso
colorido de negro, mais negro
mas os olhos não se abrem
e a imaginação continua
se recusa a voltar
vão-se as imagens
enquanto outras sobrepõem-se
transparentes
de onde virá tudo isso
que mistério envolve toda essa cultura
que fontes obscuras geraram a miríade de sons, cores, imagens de relance?
O Deus amarelo, verde
respondendo às perguntas
das gentes esquecidas
no frio da noite
no calor de tais braços
e ainda é a dúvida que paira
leve, mais leve
e um cansaço gostoso
muda de tom a tristeza
e adormece comigo
tornando-me insensível
uma vez mais
até que tudo esteja dia,
outra vez.
Ou até que tudo seja noite,
nunca mais.

Rio, 1983.

TRANSE Nº 284

E já lá se vão mais dois dias
bem mal vividos
desperdiçados;
a lembrança do que foi é só a tristeza do que não veio.
E o dinheiro que falta,
e o sono que some,
e a morte não chega.
Um crepúsculo nauseante
e o cheiro do sexo;
a pele enrugada, vermelha;
um sonhar mais distante
e a mulher de um próximo.
E o dia que se esvai,
a mulher que hostiliza,
e a vida não espera.
O problema político
tem razões econômicas;
geograficamente falando
o mundo é um grande vazio;
são canetas que sentem
e olhares perdidos;
piscam os faróis
e a noite se esfria,
amedronta o potencial de criança;
uma escada em espiral
que jamais leva ao céu,
tem cheiro de laranja
que apodrece em lençol;
cobre-se, então, desnudada
pelo fauno fugitivo,
louca de amor
pelo pai de um menestrel
que jamais viu;
e o cheiro que sobe,
e das matas o brilho
e dois pulsos que jorram.
Vem na hora devida
um medo assustador;
o pulo do cérebro
é o mergulho de tudo, no nada,
de toda a alma que pensa,
deixando de lado
um pedaço de pão.
São frases sem nexos
é nexos sem contraindicação,
não é nada
absolutamente nada;
um pretinho deitado
no chão da madrugada.
Toda pera tem verde
amarelo e marrom;

e o marco da estrada,
a solidão da espera,
e o grito de dor.
Os olhos ao deitar
quase não veem;
as mãos ao levantar
não sabem o que é o ritmo;
como tudo.
E de um vidro comprido com água e com cor,
dois olhos espreitam
pois não podem espreitar.
Sentido. O que é?
Uma porta que abre
mostrando dentro algo lindo;
uma saia azul clara
um pouco mais levantada;
e a pera que é verde,
e a laranja deitada.
A temperatura do útero
reflete-se no rosto da jovem;
um pedaço de papel sobre o chão,
todo riscado de móveis;
o barulho do lençol
arrumando a cama.
E a luz que já falta,
e a chuva que insiste,
e o sorriso de amor.
São as mentes que dormem,
sonhando com a vida;
o desespero das almas
que se refugiam em coisas
sem que se saiba o porquê;
a malícia do olhar,
e os trejeitos da boca;
pelo sorriso do homem
sabe-se das intenções;
do caderno rasgado
chega o odor de tão velho;
e as palavras só fluem
por condições que se impõem.
E a tristeza que aumenta,
e a mulher que não trai,
e a lembrança mais forte.
A virada para o lado,
com a dor na espinha;
um mau gosto na boca
que o beijo tem nojo;
são as unhas quebradas
que passam no tecido
macio
e que prendem os fios,
sobrevindo a aflição,
como ouvir a família;

a família que é
um apanhado de gente,
que, coincidência maldita,
reúne-se à mesa da vida;
o acaso não pensa,
mas o bêbado arrota.
E a colcha manchada,
e o homem que cai,
e a fumaça da Terra.
Fugiu, então, o nexó;
as palavras já não fluem;
são só imagens que
viram os olhos passar;
a memória escasseia,
e nada mais faz sentido;
são os dados antigos
que vêm todos à tona;
são os dados presentes
que flutuam na lama;
são os dados futuros
que mergulham no vazio do nada;
a prisão das palavras,
dos atos e glórias,
é a vírgula e ponto;
dois pontos na folha:
o homem e a mulher;
e a outra prisão,
a do passado e presente,
a do presente passado;
caí o grampo do cabelo
da empregada estúpida
da patroa demente.
E a vida se esvai,
e as imagens que ficam,
e o calor inquieto.
Desapareceu já o nexó.
Articularam-se todas possíveis,
disseram nada concreto,
deixaram a ideia vazia.
Mas, então, que tentem!
Que tentem achá-lo!

Rio, 1983.

DEPOIS DO JANTAR

Dividido entre o ir e o não ir,
penso.

Enquanto descobre o meu coração o mais fácil meio
de dizer não dizendo sim,
penso.

As mãos da alma
retorcidas em desespero,
agonizo.

E enquanto isso,
alguém que não conheço
ri.

Esperando que uma luz que venha brilhar no escuro de uma reles indecisão tenha poder suficiente para
[decidir-me,

me deito,

e, já deitado,
passo o tempo a maravilhar-me
com o quanto somos auto-insuficientes.

Um dia de chuva
que cai pesada e escurecedora
trazendo um frio pungente
que perfura a camada exterior da pele
até que chega ao sentido mais profundo,
é previsão de uma noite
que só tem de novo
o imaginar quanto mais do que as outras vai durar.

E dividido entre isso e aquilo,

a perguntar ao meu eu mesmo o que nem eu mesmo sei direito, se quero saber a resposta que paira óbvia
[sobre mim

– é a maldita confirmação;

e mais dividido ainda

a pensar como vai reagir o meu sentir se chegar à conclusão de que o sim que me imponho é na realidade
[não, ao perceber que todo sim não passa de uma ilusão do não, ao saber enfim que não sou sendo;
e ainda mais dividido agora que pensei isso tudo;
fecho os olhos.

E o mundo continua a me ferir;

tudo que fiz hoje é trazido empolvorosamente para diante de minha mente assustada.

E são todas imagens delirantes de algo feito competitiva e compelidamente, com mãos que não seguram
[e pernas que marcham meio ao acaso em direção a um ponto luminoso que lhes chamou a atenção.

E dividido entre o ir e o não ir,

a pensar no que devo ou não fazer,
de modo que o tempo dure mais um pouco tempo,
antes que a decisão que temo tome forma em meu sonhar,
abro os olhos.

E o mundo continua a me olhar enciumado de meu sonho.

E continuo dividido.

Não sei bem se o que penso é um reflexo do que não penso direito, se é a imagem do que quero pensar,
[ou se é apenas uma sensação de que penso, justamente por não poder pensar.

Divido-me mais ainda.

Meu corpo de matéria está inerte, só as bolinhas se movem buscando algo perdido no infinito vazio
[do teto;

enquanto meu corpo de nada (nada?) sente um calor e frio alternados, ambos a queimar algo que não dói,
[que só deixa a impressão de que se vai, se esvai, desaparece, e no fim só resta um vazio não-dolorido,
[mas um pouco doloroso.

E, dividido, não sei mais se penso.

Apenas um elo muito fino liga-me ao que resta do mundo;

e ainda aqui analiso o ir e o não ir;

e resolvo dormir.

E me deixo dormir.

E acabo dormindo...

Rio, 1983.

Copyright

TRAGO

A tarde que cai sobre teu rosto,
pingada de chuva,
envelhece um sentimento antigo;
enquanto que olhos mexem-se inquietos,
estudando, penetrando;
é o sol que morre.
Aqui dentro tudo é abafado
por um vapor quente, sensual,
opressivo de saudade;
não a que já matei,
mas a que vou sentir.
São tudo olhares vagos a se perderem pelas rugas do teto,
que nada sabe,
auxílio longínquo;
e é tudo desespero de vontade
indócil e animal
de cio e de carinho.
Lá fora o ar é hostil, grosseiro,
que peca, hipócrita que é;
e no meio dele,
lembranças à parte,
cresce a poesia não dita
porque sentida profundamente;
e então é tudo delírio,
do incerto amanhã,
do hoje irreal,
e do ontem já tão longe.
Mas não!
O tempo é só uma grande e desajeitada bola de neve,
que rola ribanceira abaixo
enquanto nós a observamos,
atentos,
detrás de uma árvore,
a cochichar.
Difícilmente o hoje começa bem,
mas o amor de dar e receber
deixa a promessa de um até logo bem melhor,
talvez porque sincero,
livre numa boca ardente
de um corpo de braços
que apertam tão doces.
Tudo se resume num abraço preocupado
com a aproximação impiedosa da hora.
No abraço apertado,
fica a certeza detestável
dos lábios a dizerem adeus.
Agasalha, então, por gentileza,
com o teu meu coração
frio, que dorme ao relento.
Ah... se o coração não fosse imaginário...

O que será essa coisa que vem de repente e abafa,
deixa rouco, deixa muda,
e não volta, só cresce?
Quando vem o calor,
apodera-se irreverente,
possessivo e assustador,
mas por isso relaxante
com o rosnar da paranoia do adeus.
Porém o mundo é paranoico!
E o nosso adeus também!
Que sensação maldita é essa,
que, câncer avassalador,
devora tudo por dentro,
menos o imaginário?
O sol já não existe,
nem a chuva,
nem nada.
Só permanece esse olhar,
antes direto,
e agora vazio e cheio de detalhes,
de ti e de mim,
de nós,
de tua voz,
e de teus gestos dengosos,
desse sorriso gostoso
porque talvez malicioso,
de tudo.
E morre aos poucos, finalmente,
já um pouco desmoralizado,
o desejo de dizer que a vida é podre de triste.

É, amor, tentei dizer de outra forma,
mas não deu.
Te amo!

Rio, 1984.

DOIS DIAS

Abro a janela
e quero que o vento forte
seque dos meus olhos tua imagem.
Medito obsessivamente
elaborando tua frieza;
mas te amo
por não me amares,
por terminares de me iludir.
Quase me convenceste
de que a vida é boa
e de que somos senhores do Destino;
cheguei a provar de tua fruta,
para envenenar-me de amores falsos.
Finalmente não me beijaste,
e o ar pesou.
E quanto mais te olhava,
mais te estranhava,
mais sentia o espinho de tua distância.

Isso foi ontem,
Hoje o sabor já é de menta,
refrescaste o céu de minha boca com teus beijos quentes.
E num emaranhado convulsivo de emoções,
no meio de divisões estúpidas,
olhando o calor de teus olhos,
descobri.
No mexer macio e seguro de tua boca,
em teu abraço apertado,
percebi.
Tomei consciência de que te amo.
Mesmo que não me amasses.

Rio, 1984.

COISAS DE AMOR

UMA

Odeio meu ciúme
porque me faz odiar você.
Teus olhos que sorriem
para um candelabro ardente
de desejo que te olha;
teus braços que apertam
outro ser que não eu;
sorrio triste;
e tudo apaga a chama
que se esvai com a lágrima
que engolem os meus olhos,
salgada com o sal
do som de teu abandono.
Tudo são murmúrios,
sons que se alternam
ora altos ora baixos
que se confundem no baixar de meus olhos.
Ergo-me e culpo-me
por odiar o meu ciúme
que me faz te odiar
porque me faz amar o ódio
que sinto por você
que sente meu ciúme
e ama o meu ódio de você.
Porém amo o ciúme
que poderias ter de mim,
porque traria você
para mais perto de mim,
assim,
como da rosa o espinho
do carinho que se foi
para voltar amanhã
com beijos e abraços
após voltares a pisar
o chão encerado
da minha saudade;
onde sempre escorregas
e cais gostosa nos meus braços.

DUAS

Sinto-me à vontade
nesta casa que é tua
mas que nem um pouco me pertence.
Tua voz é mais macia
teu olhar é mais suave
e meu corpo descansa melhor
quando me sento ao teu lado.
E são gritos que me deleitam
e um ar puro de manhã.
Piso as nuvens de sonhos
de talvez e de incerteza,
e me sinto roubando,
mas recompensado.
E teu olhar que não acaba,
e tuas palavras que dão sono
de dormir em êxtase de sonho
de dragões e princesas açucaradas
te abraçando num navio pirata,
cercados pelos tubarões
de cujas bocas saem flores
para abrir tua passagem
para dentro de meu ser.
Tua casa é só isso,
é o lar que meu coração nunca pôde conquistar,
é tua casa o desejo de ficar,
é tua casa o desejo de viver
só para te amar.
Deixo então minha alegria
em tua casa
num copo vazio em que bebi;
para que te lembres de meus lábios
ao tomares água de manhã,
e para que possa ficar triste
com saudades de você
até que volte até aí
e troque estas palavras
pelos sons que aí deixei.
Guarda bem minha alegria,
e alimenta-a com amor;
volto breve à tua casa
sangrando de desejo
e com vontade de chorar.
E então me dirás
marmelada ou goiabada?
e o tempo outra vez
me dirá que não o senti
quando de ti me despedir.

Rio, 1984.

CANÇÃO PARA DESBRAVAR O MAR

E se então
quando você chegar
meu coração
enfim me abandonar
e eu não encontrar
uma explicação
pro vazio que de mim
retira
esse final de vida
que ainda tinha.

Se a madrugada
custar a chegar
e o sol depois
de lua se vestir
e a chuva me lembrar
que o amor só faz chorar
e o céu de negro me olhar
com compaixão
e se a Terra ainda achar
disser que não.

Em cada estrela
senta-se uma paixão
que ao dormir
sonha e vem passear
impele o coração
a desbravar o mar
e vos dizer que não vos ouvi
que vou gritar
que venha então o meu amor
para ficar ou não.

Rio, 1984.

CONFISSÃO

Dizer que te amo é pleonasmo
por tudo aquilo que faço comigo.
Apago-me para o mundo
para que tua luz brilhe mais forte,
mesmo que corra o risco
de que outros a vejam tremelicar na noite azul.
Modos rudes tu os tens,
pois me relegas aos confins de um quarto escuro,
insegura que te sentes
envergonhada desses anos.
mas eu te amo;
não há problema.
Espero que a porta se abra
para iluminar-se o vão com tua luz,
tua silhueta aparecendo,
nua de contornos prateados,
e ainda que sem grandes afetos me beijares,
te amo porque te amo,
e te quero porque te quero,
ainda que para dizê-lo
precise roubar as palavras de outro apaixonado.
Ignoro-me para mim mesmo,
na esperança de que tentes me mostrar para mim,
de modo que então te apercebas de minha existência
cada vez mais próxima da tua;
quero que me notes,
me sintas
e vejas.
E no fim me escolhas,
me tires para dançar
abraçado e sensual
contra teu corpo de avental,
mesmo que para isso tenha de usar rimas sem nexo
para fazermos sexo.
E no meio da noite,
vindo de sonhos exóticos,
ainda meio pisando em brasas
pelo acordar repentino,
lembro-me de ti
balbuciando um até logo quotidiano
antes que te vás mais uma vez;
e então tento dormir mais uma etapa
com teu cheiro no meu corpo,
tua imagem remexendo-se
em meus olhos famintos de te ver.

Rio, 1984.

PORRADA

Deixei em algum lugar de meu passado
um sentimento alegre de satisfação
que de mim se apossava quando sorria.
Foram-se o riso e o sorrir.
Agora restam a lembrança e o desejo
de recuperar em algo novo e recompensador
aquilo de que falo.

Deixem que lhes diga, agora,
o que acho de vossa boca,
de vossos ouvidos e narizes.
Tenho-lhes asco e ojeriza
por viciarem outros em vossos estudos científicos;
por se fazerem reis dos ideais alheios;
por se elegerem ministros das decisões mais insignificantes;
por plantarem mais segura a insegurança,
e por se mostrarem vinho para quem mal precisa das uvas.

Deixemos de conversa!
O mundo é irreversível:
que viva quem pode e sabe,
e que morra o que se revela.
Por que não pergunta a seu guru
o que acha do desprezo e amargor alheios?
Diga a seu mentor
que a faca espeta dos dois lados
e que o riso é unilateral.

Diga-me por que é tão difícil amar
quando reprimem o amor,
esmigalham as esperanças
e adiam os encontros definitivos.

Mas, não.
Responda-me cá:
por que querem os homens saber tudo?
Não contentes com livros de outrem
querem ler seus próprios livros.

Vou pra África,
espero ver o deserto.
Porque não sei ao certo,
mas deve ser melhor do que esta cama fedorenta.
E quero conhecer a mais feia das mulheres,
perguntar-lhe o nome,
e sair enigmaticamente,
sem dizer uma palavra.

Deixa-me dizer uma coisa:
TE CUIDA!
Camarada, companheiro ou irmão,
o mundo morde
e pode dar raiva.
Aproveita o tempo perdido
para que não o percas mais.

Deixa-me por fim
dizer que já é tarde
para renascer,
mas que é cedo ainda
para desacreditar.
Daí que não sei de mais nada.

Rio, 1984.

Copyright

ELOS

Deveras humilhado foi o negro,
que, com o jarro ainda na mão,
chorava lágrimas grandes,
enquanto se regozijava o mestre
de lampião em riste
açoitando a noite escura.

De medo as estrelas esconderam-se,
cobriram-se de luar
e mergulharam debaixo do céu;
e o negro ainda chorava,
a barba branca triste de ódio e compreensão estúpida.
Só o barulho dos sapos abrandava a crueldade vagabunda daquela noite.

Mas negro, por que choras?
És negro e a noite é negra.
Alegra-te!
És a própria noite, homem!
Misterioso, calado, calmo;
só quem te perturba são os barulhos dos que te cercam;
negro, negro...
Quem te pôs no mundo?
Uma égua selvagem,
que ao parir sua cria arrependeu-se do relincho mais alto,
perdeu o equilíbrio
e bateu com a cabeça na porta do estábulo?
Ou nasceste, será, do tremular de uma bandeira,
que, ondulando lá em cima do pau,
acenava ao entardecer sombrio,
formando sombras escuras de sol que não havia,
marcas estranhas pelo chão de cimento
onde pisaram os grandes estadistas?

Negro, não chora.
Não por causa de um branco!
Chora por tua raça,
pelos negrinhos que já foram trucidados pela ganância do belo branco;
chora pela guerra interior da beata sacana;
mas não te rebaixa.

Um pato,
que entra na cozinha,
espera receber a benção do negro.
Porém o pastor não tem tempo para o pato.
Pastores são sempre muito ocupados.
Custa-lhes dizer sim às ovelhas.
Mas não se preocupe, pato.
O sono volta;
e aí a benção vem diretamente do céu.

O negro e o pato entreolharam-se,
em meio aos trovões.
O pato vai-se embora
e o negro atraca-se com o corrimão
como se fosse a negra;
desmaia, e o dia acaba,
só pra dar lugar à negra.

Mas não se preocupe, negra:
foi-se o negro mas ficou a cor;
marcada no sangue do pato,
e gritada pelos grandes menestréis –
aqueles que acreditam no que cantam.
São menestréis os que cantam de olhos fechados,
sentindo na carne o punhal que descrevem;
fazendo com que vejam os outros as abstrações que pintam;
fazendo com que o pato, o negro e a negra
tenham sentido real, óbvio,
para que se embebedem as pessoas que,
então,
serão as esclarecidas,
mas, ainda assim,
receosas do que se lhes possa aparecer.

Rio, 1984.

POEMA DE DOMINGO

Tudo é burburinho;
o tanque lavando a roupa,
as crianças brincando,
sons indistintos de estilos distintos
(misturados na brisa da manhã
regada pelo sol do meio-dia),
gente que fala,
Babel,
carros que entram e saem,
campainhas que salvam e perturbam,
farfalhar de jornais lidos pelos ociosos do domingo,
tudo isso como uma colmeia:
uns sobre os outros,
outros embaixo de uns,
alguns ao lado de mais outros,
sonhos trepados, devassados.
Um velho esconde o binóculo com que via a vizinha de calcinha;
a anciã abaixa a persiana subitamente, escondendo-se dos noivos que se despedem
(ele dormiu na casa dela – os pais dela estão na Europa – mas os vizinhos não sabem que dormiram
[juntos, exceto a múmia];

que pouca vergonha! – jovens!!
que ciúme!!! que inveja!!!!
no tempo de Cristo não tinha disto.
E a adolescente delira com o ídolo distante que a masturba sob a forma de ondas eletromagnéticas;
cachorro desgraçado!, vai mijar na roda do teu dono – acabei de lavar o carro!!, porra!!!
Não foi isso que eu pedi, meu filho:
leva de volta;
não, eu só pago quando você voltar com o que eu pedi – desculpa.

Piranha!
Não, eu não vi. Quem me contou foi a empregada daquela bunduda do terceiro.
Que coisa estranha, não é?
E você viu o casal que mudou pro meu andar?
Ela é engraçadinha, mas ele tem uma cara de maconheiro...
Ah! Sabe quem morreu?
Não diga! A secretária!!
Atropelada!!!
E o garoto grita com o joelho arranhado,
e o pai quer bater no maior,
e o pai do maior quer bater no pai do menor.

São os meus sonhos que encontram os seus que discordam de suas frustrações que cruzam com seus
[olhares que vislumbram seus amanhãs que controlam suas vidas que reclamam de sua inveja que não se
[conforma com o seu amor que espreita a sua casa que cheira a mofo que retrata sua filha que sofre com
[o sexo que perdeu a vizinha que estudou Agronomia que derrotou o Vasco que joga hoje que é incerto
[que sou eu e que é você e que é o amanhã que nunca vem que...

E tem gente que adora apartamento!
(E neste, só mora gente rica!!)

Rio, 1984.

A DOBRA

Antes dela tudo são flores,
força e resistência;
a força do sexo,
que força descomunal!
O poder do dinheiro,
atração insuperável,
que coisa boa o sexo;
quão necessário,
mas como é parcial!
E o dinheiro?
Que força enorme tem o dinheiro,
que coisa jovem o dinheiro;
impelidos que são todos por suas hélices estupidamente impulsoras,
lutas, desgraças, rixas e desilusões.
E não esqueça do amor.
Coisa tão belamente jovial
esse tal de amor;
e gírias e autoafirmações,
e tudo, enfim.
Tudo é ilusão, ilusões.
Em tudo e todos há a esperança,
ah! essa esperança,
de realizar as coisas mais impossíveis,
e tudo é sempre tão fácil...
Enfim, antes dela, tudo é novo,
irrealmente novo,
novidade,
maré que sobe e desce,
sonhos que se dissolvem
na poeira etérea do fog do tempo;
tentação de todas as maçãs
que, inesperada e desejadamente,
ardentes,
aparecem como edifícios concretos
diante de toda a gente, gentes.
Tudo antes da dobra.
Dobra, maldita dobra.
Dobram-se os talos das flores,
esmorece o poder do metal,
e as armaduras cedem
sob as pontiagudas lanças,
que penetram os cavaleiros antes imbatíveis,
disputando ferrenhos esse torneio
já perdido de início, vã labuta.
Achega-se desencorajador o pessimismo,
estabelece-se como parasita,
a orquídea do desespero
de ver o rio fluindo, fluindo,
irreversivelmente contínuo,
desesperadamente turbulento,
caminho sem volta, só ida,

pelos vãos, margens, túneis e curvas
da dobra;
dobra gasta, certa e irredutível;
como o vinco do vestido
que veste a debutante,
virgem debutante,
sonhadora,
princesa encantada,
véu e grinalda,
esperança da casa, dos filhos e de tudo.
De tudo;
menos da tão certa dobra.
Passa-se o vestido,
e a dobra lá persiste em continuar;
até desaparecer, lavando-se.
Mas não!
Foi só alisada, estirada,
disfarçada, erroneamente obliterada,
falsamente deturpada,
e esperançosamente ignorada.
A dobra. Sincera dobra.
Depois dela...
Ah! depois dela,
tudo reduz-se ao tudo do nada,
ao nada do tudo,
ou coisa parecida.
Os fardos são pesados,
doem as costas,
que vergam submissas
sob os anos longos do prazer antes infindo,
agora assustadoramente finito;
tudo pela dobra.
O medo do desconhecido,
do tenebroso e escuro,
do outro lado da dobra;
caverna de morcegos dobrados,
negros e letais.
Dobra-se a rua da amargura,
dobram os sinos para anunciar
a dobra vindoura.
Dobra-se de rir o duende irônico,
a face enrugada,
a espreitar as consequências da dobra.
Dobra-se de dor,
quem dobra.
Que dobra estúpida,
tão negligenciada,
mas, esperta,
enganou a todos,
tornou-se visível e fez dobrar.
E dobrou.
Burlou a vigilância do mais cauteloso dos seres;

inesperada, fez-se presente;
ignorada,
vingou-se manifestando-se como rolo compressor,
como bate-estacas implacável,
perfuratriz dolorosa, sem piedade.
E dobrou, não tem jeito.
Dobro, dobras, dobra;
dobramos, dobrais, dobram.
Irredutivelmente.
Sem ferro de passar;
sem calor recuperador.
Dobra; está dobrada.
E fica só a esperança
de que a segunda dobra
demore um pouco,
para dar tempo de arranjar espaço,
para esta segunda dobra;
mais violenta,
fatal,
e zelosamente definitiva.
Dobra-se de dor,
dobra-se a dobra;
o que antes era evitável,
recebe finalmente o tão esperado prefixo,
nega-se, transforma-se,
e então, tudo são cinzas.
Da dobra.

Rio, 1984.

FRAGMENTO

“Num mar de soja,
sob o luar do tempo,
na noite escura do eu,
deito-me em prantos de triste alegria.
Vou-me amar bastante,
pois só eu sei
quem sou
e a quem quero
bem.
Vai, meu sonho;
vai para além do muro;
vê se encontra o real,
e por favor
cristaliza-te em chuva fria de granizo,
cobre o topo dos postes,
e a copa das árvores,
esfria a entrada da porta do meu amor;
e faze-me o obséquo
de umedecer os lençóis
que esqueci no varal;
vara de pescar é bom,
mas o peixe é melhor.
Vem, poema;
manifeste-se.
Faça-se presente
em toda a plenitude
do irreconhecidamente belo,
do ultrajadamente incompreendido.
Mostra-me, ar,
do que és capaz!
Respira-me aliviado
ao saber que te sinto,
e por isso repudio esse teu cheiro de enxofre.
Vai, acaba,
tu,
seja lá o que fores.”

Rio, 1984.

TEMA ALCÓOLICO I

Desculpe amor,
desculpe mãe,
mas eu bebi.
E só agora é que eu
cheguei em casa.
As mãos quase não podem escrever;
e a mente quase não consegue se concentrar.
Mas eu tento;
tento com vontade;
pois sei que tenho por obrigação escrever algo,
para registrar
este acontecimento histórico.
É gozado:
tudo parece estar girando,
até o tesão que sinto parece anestesiado;
e os olhos querem fechar-se a qualquer custo.
A noite já acabou,
mas eu me sinto realmente bêbado.
Difícil de concentrar.
É engraçado como os lábios parecem anestesiados,
e os olhos pesados,
com z ou com s?
Olho minhas mãos e vejo não sei bem o quê;
acho que nada se parece com nada.
Flertei com Deus e o mundo;
perdoe-me Deus.
Mas prometo que não se repete.
Que esforço!
Amanhã quando acordar,
espero que me lembre de um sonho,
mas jamais do que estou passando agora.
É terrível.
Só falta vomitar.
E se ela telefonar?
Eu pedi. Eu sei que pedi.
Não faz mal; eu digo que sou comprometido.
Quer algo mais convincente do que isso?
Acho melhor dormir.
E que o amanhã tome conta de mim.
Por favor!

Rio, 1984.

TEMA ALCÓOLICO II

Outra vez.
Isso! Bêbado!
Se bem que não tanto, hoje.
Hoje tenho uma consciência mais nítida de tudo;
posso analisar tudo mais “sobriamente”.
Bebi pra te esquecer.
E ainda que não te esqueça jamais,
posso ao menos tentar
esquecer das brigas.
Desagradabilíssimo.
O fato de estar meio bêbado.
Ri e dancei.
Riram e dançaram.
Todos.
E é exatamente aí que me consolo:
não sou o único a ter de fugir.
De fingir.
Interessante.
Parece que a única vantagem é que a gente não sente nem o frio nem a dor;
tudo está anestesiado.
Só a depressão é que volta em dobro.
Que remédio?
Encare-a!
Volto pra casa sem saber como;
os sinais não existem.
E inconscientemente rezo para que alguém mais são que eu pare.
Já que não paro.
De correr.
E é correndo que chego a casa.
E o leite parece o tão aguardado remédio.
– Não adianta. O gosto ruim vai continuar; e quando acordar será pior. Você sabe disso. Não sabe?
A perna cai com força imensurável.
Sei que uma parte de mim dói,
bati em alguma coisa, parece,
mas não sinto a profundidade da dor.
As veias estão inchadas,
mas não as vejo pulsar.
E a pele é mais branca,
e a paciência é menor.
E a consciência é maior.
Não estou mais bêbado,
pois já me sinto até envergonhado.
De mim,
e de tudo;
até de você.
Ah! eu...
Tome conta de mim.
Pelo amor de Deus.
Mesmo que Deus seja só a ilusão de querer não sentir que se está bêbado.
Por favor.

Mesmo que o favor
seja tudo o que é negado
quando precisamos saber
que a vida é um simples copo de chope;
que o mundo é uma bola que gira,
e que a mente é algo
incompreensivelmente belo,
arrependedoristicamente fascinante...
Boa noite,
bom dia,
ou qualquer outra coisa.

Rio, 1984.

Copyright

ACHADO

Neste mundo de tantos erros,
de corações tão duros,
onde o tudo é nada
e o nada uma embriagante ilusão de felicidade,
sou.
Simplesmente sou.

Rio, 1984.

Copyright

PASSAGEM DE ANO

Sol quente,
vapor pesado
de um dia tristemente alegre;
por não saber
de que matéria será constituído o futuro,
tão distantemente próximo,
incerto, porém certo,
confuso como estas palavras,
torpes, toscas, fúnebres,
insistentemente buscando algo parecido com a felicidade,
próximo dela, pelo menos;
e no entanto...

Tudo é uma busca vã
do momento em que não lembraremos de nada;
bebo para esquecer a mágoa de um amor sofrido;
fumas para obliterar a dor de uma paixão ainda dormente, insaciável;
joga tentando aquecer o frio da cama vazia;
corremos para a pressa de achar o paliativo-mor, remédio eficaz, morfina para o câncer da vida;
tocais buscando exprimir, em vão,
o que sente vosso coração dolorido de prazer impossível;
trabalham para comprar o que a vida jamais dará a seus sentidos latentes,
sem que antes maltrate um pouco muito
esta existência mísera,
esta sensação de viver
amarfanhadamente complicada,
pela análise do passado no presente
em função do futuro.

Ainda assim
feliz estou.
Porque penso.
E na bebedeira choro,
amargo, desesperado, carente, e só.
Mas estou contente
ao repensar o passado,
ao sofrer a falta do que me foi tirado,
ao desejar a volta do que em sã consciência abandonei,
ao sonhar com o que meus bolsos jamais poderão me oferecer,
ao acordar no meio da noite e sentir olhos a me observar.
Olhos.
Doces olhos,
românticos,
como uma canção de amor cantada só no coração.
Daquelas que não se cantam,

onde o piano são os dedos que deslizam pelas costas do ser amado,
e a orquestra de violinos paira no ar rarefeito de amor exalado por dois corpos hermeticamente abraçados.

De que me doo?
Do gozo que não gozei,
ou do beijo que me fizeste dar em outra?
Não importa.
Tudo isso,
essa coisa de amor e cia,
é só o embrião de algo maior,
que certamente vai acabar na velhice,
ou, quem sabe,
desaparecer na morte.
Talvez tudo seja somente a encarnação
de um espírito inseguro porque impaciente.

Buscamos respostas a perguntas
que talvez tenham na irresponsabilidade
sua essência mais primeira.
Existisse Deus,
diria que prazer é esse que encontrei nos jovens?
que coisa podre é essa que germina como o verme do esperma egoísta
ejaculando na boca do ciúme do gozo do beijo dado no retrato do ex-namorado?

Mãe,
não tens a menor ideia
do monstro que criaste.
Um ser híbrido de amor e ódio
que se martiriza
com o desejo de ser feliz,
com a incerteza da segurança,
e com a culpa de estar perdido
num mundo nobre, porém
mal dirigido.
Humanamente incompreendido,
e monstruosamente mal administrado.

Um diário tivesse
e escreveria
numa folha dois milhões e qualquer coisa:

“Hoje estou realizado.
Encontrei o amor de minha vida.
A descoberta de que minhas perguntas
só terão minhas respostas;
e a certeza feliz de que minhas respostas
só para mim terão sentido.”

E antes de dormir, virando a página,
escreveria ainda:

“Tomara que nunca consiga entender
nada do que acabei de dizer.”

Boa noite.

Terezópolis, 1984.
(31/12)

Copyright

ODE AO VENTO

O vento que leva a saudade da chuva
vento bruto
manso vento
uma brisa cheirosa de mato invadindo
com força a monotonia do sol
barulho morto do dia feliz
asmático dia sem carros e bois
com bosta cheirando a vento de pasto
clareando o sol da noite que se foi
meia-noite no dia
e o vento soprando
o beijo da mão da rosa vermelha
encontra o movimento do ar
a parada de um muro branco
muro da agonia de querer banhar-se
sem água o camelo no deserto
de vento é feita a natureza
de verde o cheiro do vento
ó vento verde com cheiro de mato
idolatra tua chuva salgada de pureza
céu azul-cor-de-rosa dos ventos
e tudo envolvido numa nuvem branca que passa
todo o amor do vento
todo o amor do mar
toda essa paixão e desejo que evapora do ar
movimentada com o cheiro ardente do vento
arrepinando a pele do corpo moreno
com a felicidade do torpor mavioso da sede saciada
dádiva de uma dívida mortal
o demônio se assanha
dentro
fora
morre o anjo leve de uma névoa amarelada
velha névoa, mágoa cinzenta
altiva melancolia que traz o neutro vento
iluminando pesadamente a atmosfera veloz
da batida dos corações em retirada
depois do amor
em fuga para o descanso gostoso do amanhecer
sopra o vento uma declaração de amor
te amo sincero
vento de amor
porque
só porque
é a sinceridade um beijo molhado de segura eternidade
e ainda a eternidade
que é um momento durando toda a vida
traz o vento o desejo do depois
marca o vento o arroxeadado da manga caída
estraga o vento o castelo de areia
que o anjinho ergueu esperançoso

pois o sonho da alma pura, sincera, singela
inexistente
esvai-se a toda hora com o vento
da solidão
bate o vento na porta enrijecida
pelo amor que não pode sair
de dentro de uma casa-coração
põe a mesa, vento
tira a mesa, ventania
aconchega o vento a toalha na pele
pelada das plantas
voando, pássaros negros e azuis,
pela madrugada do entardecer
gostoso
delicioso
fluir de um pensamento desinteressado
aterriça o vento nos cabelos do pobre de espírito
endureceu o tempo
com o molhar do orvalho do vento
vento que sopra
ninando a criança
papai saiu
mamãe chegou
montada no vento
vento assustador
que mexe com as sensações do espírito esbelto
mente
o vento, desestruturou todo o edifício do sentimento
chega o vento
sai o vento
e fica o que restou da brisa
derrubado o macho
destituída a fêmea
confuso vento que não para de soprar
quando deve
teimoso vento que ruge
quando a farinha quer assentar-se
estúpido vento que se recolhe
quando o amor é maior
vem velho vento vadiamente veloz
denegriu o aviltamento dos seres inertes
ah! vento
que pena
poluíste a pena do ganso
mergulhou a saparia
na folha que desliza na montaria do vento
algoz
eu de todos feroz
vento da lembrança do que foi não sendo
já que não seria
porque poderia ser
assim que fosse o vento
assim que se fosse o desespero

de saber que o vento existe
mudando o atarracado existir
da existência mortal
venta, vento
venta dentro de mim
e faz com que a confusão resultante
no clichê poético
de sempre e sempre
destrua o que sinto por ela.

Terezópolis, 1985.
(01/01)

Copyright

PORQUE SEMPRE ME LEMBRAREI DE VOCÊ...

I

Saudade,
erupção do amor
ferida aberta em desesperado arfar de vida que se vai
chances de um amanhã
onde a lembrança da amada
dói enquanto é prazer.
Do que foi belo no passado;
do que será triste no futuro.
A falta que faz o ombro macio e aconchegante do amado.
Ah! Não mais terás em quem pensar
ao passares pelas ruas movimentadas
do centro da cidade
fria;
pelo menos,
com o pensar no cartão que mandarias
ainda que hoje não fosse
dele ou dela
o aniversário.
Só terás a imagem evanescente
de uma parte perdida de teu peito
que lá mais não está
órgão desaparecido
anestesiado, imobilizado
opressoramente assassinado
o corpo inerte esquecido em qualquer beco deserto
fedorento
mau cheiro de amor que apodreceu
tanta coisa falada
tanto desejo suspirado
quanta coisa discutida em vão...
brigaram muito?
E então?
E agora?
É, amigo...
só resta mesmo
o mergulho no atoleiro das reminiscências impotentes
lembranças gostosas
amargadas pela distância
bem-querer querido tanto
hoje por contingências levado
ostracismo forçado
ainda que consensual
não dá!
Mas tinha de dar!
Por que não deu?
E não conta o desespero?
Que significaria, por curiosidade mórbida,
toda essa saudade que sentes
condensada em outra chance?

E se pudéssemos armazenar
em tonéis de recuperação
todo esse ácido gosto de derrota e perda
toda a falta que faz esse objeto de amor
sujeito, predicado, e agente dessa alma partida,
toda a experiência nova que aguça teus sentidos
toda a destruição de que te fazes alvo
lucidamente
propositalmente
?

Sabes o que aconteceria
se outra dose tomasses
do veneno impiedoso do amor correspondido?
se ainda outra vez
subisses o penhasco da ignorância romântica?
Eu sei.

E é por isso que, doído,
lacremejo com tinta estas páginas
que não sabem o que eu sei
mas eu sei.

Ainda que me recusasse a saber.

Eu sei.

E como sei!...

E como dói!...

Copyright

II

Ainda assim mate o tempo com as recordações do que foi a vida em dois – dois corpos num momento que durou. Lembrar do limão azedo da batida naquele bar onde o garçom mancava; rememorar a mescla de ciúme e infantilidade quando caiu no chão o retrato da outra – ou do outro. E aproveite para o melhor toda essa mágoa, toda essa tristeza. É como dizem os profetas de botequim: amanhã tem alguém novo para tomar o lugar do que se foi.

Por certo que terá. Mas que coisa gostosa esse masoquismo das cinzas de uma paixão outrora tão ardente, violenta! Que coisa inescrutável isso a que chamamos mente: paradoxalmente incompreensível. A vontade de morrer, agora; mais tarde a vontade de viver e tentar recuperar o amor perdido; agora o ódio, e depois a saudade da ternura que já deve estar acariciando outro rosto.

Sem falar na solidão; esse bicho feio, monstro horroroso que, maldito, espreita nos cantos do teu quarto à espera de que, vacilante, lembres, ainda que vagamente, de algum momento de carinho. Então ataca, e faz chorar.

Chore à vontade.

E depois escreva.

Mas não leia o que escreveu.

Ou leia. Tanto faz.

Copyright

III

Prevalece então

o mais forte

- A saudade dolorida

que pode matar lentamente

- A pressa em buscar cicuta nova

que pode matar rapidamente.

Sexo

palavra imutável

refúgio dos solitários

e beberrões da cachaça do amor

segredo a poucos revelável

verminose de morte instantânea

vida e morte mais rápidas deste mundo.

Que se fodam todos os martírios da face da Terra.

O meu é maior

muito maior

porque é meu

nasce o novo

morre o velho

mas perene

irrefutável

onipresente

onipotente

aqui jaz o amor

maldito sentimento de culpa.

Ao amor

uma só característica falta

para ser algo palpável -

pernas e braços

já que a nostalgia

nada mais é

que o toque imaginário

dessa coisa tola

porque marcante

dessa coisa rústica

porque necessária

dessa coisa triste

porque radiante

dessa coisa enorme

porque sutil

que se chama paixão.

IV

E assim, Senhoras e Senhores, acabamos de ouvir mais um relato de mais um paranoico afetado pela Síndrome Da Mecanização Política Da Cidade Grande. Obrigado pela atenção.

Copyright

V

Do mar o cheiro
da mata um devaneio idílico
do verdugo o álcool etílico
do amor o sorriso matreiro

Na alegria o olhar brilhante
no corpo um sabor delirante
na vida uma esperança criança
no ouvido da morte a balança

Com a lua o dia se afasta
com o céu abrasa o desejo
com a cama descansa a madrasta
teu amor aplacarei com um beijo

Mexem os sons de uma ilusão deflagrada
fogem assustados os dragões inocentes
brilha o afeto da mulher deflorada
sonham as bocas dos amantes contentes
com tudo que disse o poeta feliz
alegre com tudo que seu amor lhe diz.

Em versos não canta
a voz do coração
a dor sempre é manta
cobrindo a traição

Palavras inúteis que falam de amor
dureza no peito que morre calado
pra sempre se espera livrar-se da dor
pra melhor se tenta conduzir o fado

A cada amor um poema
A cada dor um terço
A cada vida um lema
A cada morte um berço.

Rio, 1985.

VALORES

I

Porque se não existisse a dúvida,
a certeza não seria
nada mais que um cego alvorecer.
Pois Melchior comeu a fruta.
E Vera cuspiu o caroço.
Mais um sonho
romantizando o momento que se vai
pintura
do rosto lívido
de pavor ou amor?
E na sala de estar
discutem-se os problemas do cotidiano
da vida
e da morte
já que o bar fechou
e o bafo quente da noite
outra vez sufoca
mais um vestibulando teimoso
começo, meio e fim
de algo assim
disforme e apático
alegre e elástico
livre associação
companhia limitada
amor, apaga a luz
mas abre a porta
esfrega-se a lagartixa
regozijante de prazer
morre mais uma mosca
morte martirizantemente meio-macabra
morta mais por medo do eme
eme de Adelaide
Timbó de arragazú
goneirândio afazálamajakado
deivas anjo
impessoal
louco entardecer.
Porque se não existisse o tempo,
o pensar não seria
nada mais que um jardim enlameado.
Pois a cobra mordeu Alfredo.
E Isabel vomitou o veneno.
Rainha da chuva
embola
a noite com o dia
sapeca moleca
dá cá a mão
ó louro da loura
dá cá a pata

ó boi zebú da anunciação
que o xaxado
e a zabumba
encontrem paz no país
dividam o pão
e morram todos de fome
depois não diga
– como dizem todos –
que tudo tem sentido
mas a montanha que resplandece
reluz só em parte
o mato ofusca
a tentação do demônio
– sai daí coisa louca,
disse S. Jorge à mulata
depois voltam as andorinhas
salgadas de mar
bronzeadas de fel
e vovó morreu
morte outra vez.
Porque se não existisse a morte,
a vida não seria
nada mais que um copo vazio.
Pois Valfredo fodeu Alzira.
E Mariana pariu a criança.
Meros detalhes
insignificantes
margaridã sem pétalas
da verdade irrefutável
o Sábado alegre
porque beijam-se apaixonados
dois idiotas
bêbado
e
esperançosa
carros em velocidade
luar ao longe
lá no lado leste
latejando o leiteiro
bate na porta
ó Guida,
traz o pente
pentia e arria
tira as calcinhas, solidão
veste as calcinhas, excitação
sai da cama, coração
vai pra cama, negação
extrema unção
Padre, eu confesso,
roubei
o amor da minha vizinha
rezo então três ave-marias
e roubo o amor de qualquer outra

descrédito nu
cuecas da desconfiança
folclore
palavras sem sentido
com nexos
jorrando
aos borbotões
tradição
criação
presente nas palavras
ausente das sentenças.
Porque se não existisse o mal-feito,
a tentativa não seria
nada mais que um tentáculo movendo-se a esmo.
Pois a mão segurou a pena.
E o pé escreveu a poesia.
Determinado estaria
o dia do júízo
jeitinho
adiado o julgamento
de todos
encarnação
do demo
da dama
do rio a calma
da casa a alma
sofredora
arrojado o herói
delicioso o manjar
de coco
artificial
pombas na cartola
sem emprego
mocotó
que paixão
que frustração
folia de reis
todo dia às 6
horas da tarde
horas do crepúsculo
dinheiro no bolso
sangue no asfalto
pingando a esperança
do povo oprimido
poço de favores
gota de consentimento
Que viva Carmem!
A Rainha da Lapa!
tão bonito
o dia raiando
tão devoto
o cachorro rosnando na porta.

Porque se não existisse a tristeza,
o prazer não seria
nada mais que uma alucinação.
Pois a colcha forra a cama.
E o homem dorme descoberto.
Declínio
do ser que é canalha
Vaticínio
demoliram o Vaticano
Que felicidade!
Tudo que foi
Tudo que é
Tudo que será
bem feito!
Que realização
Que sonho
bom.
Porque se não existisse o pesadelo,
o sonho não seria
nada mais que um enorme cemitério.
Pois Hans comprou a terra.
E Dante fincou a bandeira.
Proliferam
os delitos
sem causa causados por causa
do cansaço
tenta, povo
vai tentando
o dever que te chama
acende a chama
cumprir a tarefa
empregada doméstica
miséria
fome e choro
descalço
o filho da desgraça
um carneiro solitário
balindo
ou ganindo
não importa
que o nome não seja
que o som é sentido
Vai-te embora
deusa da minha pátria
azul, verde e branco
cores de uma bandeira
imaginária
nas mentes dos responsáveis
sonhadores
pela nação.

Porque se não existisse a opressão,
a liberdade não seria
nada mais que uma coisa como outra qualquer.
Pois Deus crucificou o Diabo.
Mas Deus morreu.
Pois o pobre louva a Deus.
E o rico é o próprio Diabo.
E ainda que tudo fossem
flores
o cão danado latiria
dentes à mostra
correntes arrebetadas

Copyright

II

Por que será que todo mundo pisa no copo de papel jogado no chão e já tão amassado?

Rio, 1985.

Copyright

ADMIRANDO A PINTURA TRISTE DE UM PALHAÇO-MENDIGO

I

Vejo em teu rosto
sem expressão
algo que me lembra de mim mesmo
um querer não tido
um te amo engolido
ao constatar o descaso de um ser que te olhava
mais carente que tu
e por isso
mais descrente
do talvez que abafou
com um beijo de indiferença
a simples imagem
do querer incontrolável
e por isso descartável
ante a ideia funesta
do mundo que te ama
sem querer

Copyright

II

Pois há rugas de satisfação,
oprimida às vezes pelo azar,
em teu rosto
que é tão bonito
e teus olhos não são de homem nem de mulher
são humanos
e animais
simplesmente
ansiosos pelo amor que o mundo procura
às vezes festivamente recolhido
na última gota de cerveja
de um copo suarento
às vezes tristemente reconhecido
na primeira lágrima
que rolou do rosto de quem gostou de ti
na noite da surpresa
que desdenhaste
e o andar que ensaias,
a fuga temendo a retirada
ou a chegada apocalíptica
do amanhecer
irrealisticamente
surrealisticamente
determinado pelo amar devorador

Copyright

III

Só porque o mundo não seria o mundo
se em tuas vestes surradas não existisse
um pouquinho de cada um de nós
por mais limpa que seja
a poeira com que o Inferno
se faz presente
no calor de tua boca entreaberta

Copyright

IV

O artista que te fez
à imagem e semelhança
dele mesmo
pavoneado no peso que tem tua presença
nesta sala estranha
porque não a conheço
usou de recursos divinos
como os empregam as musas invisíveis
elixires de prazer
ainda que sem o gosto da fruta
sereias imaginárias
etéreas sombras
no abandono de uma noite solitária
despertar longínquo
de um amor inviolável

Copyright

V

Ainda que a única providência a tomar
em cada vida invisível
de cada criatura que sente,
como sente a mãe que chora o filho perdido na inundação,
seja conhecer o amor ou o ódio
que sai de um olhar
dirigido a quem jamais se verá
emitindo aquele emaranhado de coisas
que só serão compreendidas
pelo arfar do peito agoniado
ou pela abstração
da felicidade gratificante
de um sonho quase realizado.

Arraial do Cabo, 1985.

Copyright

PARA QUEM JÁ AMOU

Carrasco de si mesmo
este o epitáfio
de quem já amou
algoz das horas vagas
preâmbulo irrisório
para quem detesta o amor
dirige-se a vida a cada instante
para o encontro fatal
das águas turvas
de uma decisão ou outra
este ou esta
isto ou aquilo
mas ainda se vive
sob o assédio inoportuno
de uma consciência nefasta
ainda que necessária
mas porque repressora
extremamente débil
já que a escolha entre o sim e o não
é uma antecipação afoita
de mazelas fugazes
enquanto que a sopa fria
adia
o sóbrio paladar de algo presente
mas indefinidamente inútil
virgindade absoluta
da chuya e do sabugueiro
na sombra do abacateiro
poça de beijos num solo desejoso
pantanosos
de delírios outros
que não a heterogenia
do solo com o solo
são cacos de uma garrafa miúda
continente de amor
e amor
vestido de amor
embalado com dor
eterno devedor
já que não se paga o amor
com outra coisa que não seja amor
dívida ingrata
pagamento impossível
pois sempre restam lágrimas
que outras parelha absoluta não formam
e sempre restam sorrisos
mais e mais belos que outros
e sempre resta a intensidade
de toda a saudade

gordurosa e suada
dos exercícios de carinho, de mansinho, apressadinho,
que já há algum tempo maculam
a pressa nossa de cada dia.

Arraial do Cabo, 1985.

Copyright

MAIRA

Demolindo os ideais de um amanhã
longinquamente arbitrário
vem ao mundo uma bela criança
sabor de derrota,
amarga,
derrota da insensibilidade
criada pela remoldagem do amor mais puro
em formas grotescas de apatia impúbere.
E por que não?
Os panos de um altar outrora pudicos
sofismam cheios de graça
com os transeuntes apressados nas escadarias do metrô.
E por que sim?
Às vezes ultramarinas outrora tão invejadas
carecem de continuidade
porque possam disseminar-se
entre camadas questionadas
longe deságua
felizmente
a alvura imaculada do sangue derramado
em tortura de um prazer
exigidamente natural,
encurralados os opressores
e, no entanto,
chora de raiva uma criança
que cresceu magoada com a dor de um parto premeditado
concebida no irrepreensível lar da abstinência
onde o querer não é poder
e o poder é só a jactância do não-querer
divino adultério
ligação concubinosa
entre pera e espinho
a escova limpando as rugas
e o cravo curando a chaga

Tudo isso,
só para que essa graça de outrem
desperte nos confins de uma vontade arrefecida
o olhar pasmadamente invejoso
ante da vida o eterno milagre
e do leito valores tão deturpados
ciúme infinito
do redondo que teimosamente insiste em ficar oval
do círculo cujas extremidades aproximam-se mais e mais
sem porém jamais se unirem
enganoso tormento
de se querer ter de outros
o que se não tem coragem de se ter para si.

CAFÉ DA MANHÃ

A toalha balança pendurada
por causa do ventilador indecente
que sopra
e por isso o calor deste lugar.

A parede suja e perfurada
por causa de paixões tão passageiras
que rondam
e por isso a incerteza de sonhar.

As colchas reviradas e sem forma
por causa de um sono remexido
que morreu
e por isso a calma no falar.

Os rabiscos distraídos que aparecem
por causa de matreiros pensamentos
que irrequietam
e por isso a esperança de acordar.

O leite esfaimado em fumaça
por causa da carne insatisfeita
que se assenta
e por isso o rebuliço no olhar.

A conversa tão fiada em frases feitas
por causa da revista que não chegou
que irrita
e por isso o abandono ao pensar.

Os sorrisos enterrados no açúcar
por causa da nojeira das baratas
que se alastram
e por isso a cadência no andar.

Seis dinheiros gastos com a vida
por causa de uma reza improdutiva
que sumiu
e por isso a procura sem cessar.

Piratininga, 1985.

PENSANDO EM TANCREDO

por que choram as mães
 por que choram os cães
 por que dizem o não
 por que tudo é tão em vão
 perigoso este desespero
 cresce devagar assustador
 paralela está a situação política
 e o coração que não entende de política
 nem de religião
 e no entanto é onipotente
 que coisa
 que pressa do ar em entrar e sair
 o que é isto que sopra pelo quarto
 tenho medo é a morte
 ou a vida da noite do dia
 vem um calor uma pressão na cabeça
 uma coisa estranha chora o cérebro indefeso o dinheiro gritos nos cantos escuros fatos da multiplicação
 [espantoso fervor não tenho e vai o frio então cortado e não chegam os calafrios

felizmente
 tudo são frases
 a vida são frases
 e só
 como se não bastasse
 e se os poetas morressem
 alívio do sofrimento que pinta páginas
 exceções que sorriem ante as câmeras
 todos os gatos não são pardos
 não são nem gatos
 quem sabe o que são
 coitada da aranha
 estatelou-se no chão
 e já sobe a teia
 não foi nada
 a aranha não sabe o que é o chão
 não tem noção do que são o sim e o não
 faz o bolo maciço de preocupações vem de novo o calor a pressão mais rápido não para escreve miserável
 [o mundo é tudo isso só isso nada mais e a aranha maldita aranha mãe que pena rancor do filho morto e
 [vivo do lado da raposa os astros do meu quarto que desespero maconha comunismo capitalismo não
 [sabem de nada perda inocentes não sabem o que ardem por dentro inventam por fora a fome é negra e
 [foi-se o adeus aahh

tremenda agonia viver acalmado
 fel amargoso da espera
 arde a nuca
 posição ingrata da mulata
 tudo são sons
 a vida é só uma convulsão de sons
 uns ruins outros bons
 alguns são
 outros na porta da rua
 a espera é tensa
 a cabeça dói

será que o mundo inteiro sente o mesmo vai indo tudo mal o calor aparece outra vez não é um fantasma
 [barulho metálico da batida do carro a luz a lanterna o povo correndo a polícia a cabeça dói a porrada e o
 [vício do amor na rua em zigue-zague o porto Caetano são os sons da aliteração que não ah pavor calor
 [pressão tensão respira vai luta povo feroz donzela da liberdade sorte alienígena importados até os vinhos
 [sagrados do penar ou pesar vai levanta corre ganhou o que a vida a luta o moço cultura dos pobres dos
 [ricos o nojo da mansão. Pausa. Que dor de cabeça começa de novo e agora não para me leva eu sei
 [sei sei o que foi já estive lá estou indo para lá outra vez já não percebo o jardim roda o mundo do
 [meu quarto roda volta para entorna a vida que levaste

que pena foi o destino
 tristeza choro a imagem negra
 do teu caixão
 não sei bem se por ti
 por mim
 ou por todos
 é quando todos os particulares do indivíduo
 mesclam-se aos ares abalados da história
 o pavor não vem mais
 a vida é isso
 não se identifica
 o que é meu e o que é teu
 a loucura é de todos
 os olhos de cada um
 arregalam-se no vazio
 de quando em quando
 impotência da mente frente ao corpo
 a resistência é sempre vencida
 de uma forma ou de outra
 se não
 não seria resistência
 e é quando acaba o poema
 que a razão se faz presente
 avisando
 com os clarins do alvorecer
 palavra estúpida
 nada alvorece
 enquanto os olhos estão arregalados
 perdidos na incerteza
 na imensidão amedrontados
 a cabeça dói
 e dói tudo que é doloroso
 obviamente
 e dói mais
 saber
 que já não dóis

Adeus.

Rio, 1985.

A ELITE

Odeio esta gente
que anda rebolando
convencidamente ricos de alguma coisa
ombros retesados em desafio a tudo
movimentos precisos representantes da elite
que elite? Elite de quê?

Odeio esta gente
que politiza, intelectualiza e analisa
ah, e hostiliza
deveres e direitos
patente a separação – patente e separação.

Odeio esta gente
que teologiza o bem e o mal
que explica tão bem a sorte e o azar
que, pasmem, crê!
Crê em quê?

Na filosofia.
Odeio o ódio que tem esta gente
e avalio o desespero
que sentem os intelectualoides
falsos pseudoaprendizes
de um saber dividido.

Odeio até o ódio que tenho a esta gente
porque o ódio,
bem, o ódio,
é talvez uma exaltação da tristeza reprimida
represada nos canais do coração.

Odeio esta gente
porque amo
a humildade
que não tenho.

Rio, 1985.

DA VIDA I

E por isto sempre haverá o pavor
pavor da morte, quando banal
pavor da vida, quando loucura;
enquanto houver samba
enquanto houver políticos
enquanto houver Tarzan
enquanto houver donzela
enquanto houver controle;
é o caos, sabe?

– o caos lembra cacos, que lembra vidro, que lembra corte, que lembra hospital, que lembra álcool, que lembra o pai, que lembra o ódio, que lembra o amor, que lembra o sexo, que lembra o filho, que lembra o ursinho, que lembra árvore, que lembra a maçã, que lembra canaã, que lembra a história, que lembra a verdade que lembra a mentira, que lembra o desgosto, que lembra a mãe, que lembra a saudade, que lembra o mar, que lembra a comida, que lembra a merda, que lembra o cheiro, que lembra o nariz, que lembra o rosto, que lembra o gosto, que lembra a língua, que lembra o boi, que lembra o açougue, que lembra o azougue, que lembra o sofrimento, que lembra a guerra, que lembra a destruição, que lembra –

É tudo uma grande trepadeira,
subindo pelos muros de nossas vidas;
não há que cortá-la,
não há que negá-la.
Benze-te que és santo
e lembra do conselho do sábio anjo sujo da rua deserta
“É isso aí!”
O que de mais completo?
O que de mais objetivo?
Se não suportar sem mágoas
a dor de pensar?

DA VIDA II

Voa um pedaço de papel
pelo espaço aberto da janela;
voa meu olhar atrás dele
e dá de cara com a parede.

Entra um vento frio e vai logo embora;
grita minha pele, repentinamente áspera.

Será que quando olho e vejo o verde
também vês o verde verde? Ou será
que meu verde-olhar é teu branco-
imaculado?

Que alegria poder sentar,
só – pensativo – sonolento – seguro da insegurança.

Reina uma paz por aqui,
parece que é porque é de dia.

Mexo a mão e a sombra da caneta fica mais nítida
quando a aproximo do papel.

Será que a sombra é a caneta ou
da caneta?

Cerraram-se as cortinas de meus olhos
e erro em lembranças mercurianas
que algum composto químico eletrificou nas células de meu cérebro.
Estou mentalmente bêbado
cansado.

E por que não?

O mundo todo se cansa:

os egoístas se cansam, os interesseiros se cansam, os altruístas se cansam, os mesquinhos se
cansam, os mendigos se cansam, os escritores se cansam, os ricos se cansam, os pobres se
cansam, os governantes se cansam, os sábios se cansam, os imbecis se cansam, os animais se
cansam, os mongoloides se cansam, os cansados se cansam...

Todos os que têm um nome se cansam.

Por que não eu?

Rio, 1985.

O PRÓXIMO INTERVALO

Mortes várias de um tempo já passado
 são dengos de um amor de tolo
 súbito pesar
 vão – e tudo termina num deitar de noite
 cobre-se
 fecha os olhos
 dorme
 é o barbear noturno
 pelos dos sonhos – escuta noturna que cansa o cérebro
 trabalhador
 estudante
 prostituta
 são todos o mesmo no sono
 sono sonhado e sonho vazio
 gado marcado no flanco esquerdo

– Declaro para todos os fins
 que, pelo presente, quero dormir;
 e sonhar com a poesia da tranquilidade.
 Declaro ainda
 que os homens e as mulheres
 deste mundo macro- e microevolutivo
 estão impunes – justa ou injustamente.
 Declaro finalmente
 que o dia some na noite
 embora a noite dilua-se no dia.

Descaradamente um manancial morno de mosquitos
 honra o ar noturno da divagação perdida
 vã – nulidade filogênica
 dentro de uma alegria morbidamente pseudo-hilariante...

São palavras sem sentido
 frutos do amor que não veio
 origem e destino de algo faltante.
 Tudo que vem, vai;
 e o que não vem, também;
 pois o que não vem tem o mesmo peso do que vem
 mas em sentido oposto (gravidade inversa);
 e peso vem, mesmo que não venha.

Volta uma demagogia sensitiva
 que não se sabe muito bem se existe.
 As impressões do que não se entende
 causam definitivamente sensível impacto em qualquer tipo
 de interpretação interiorizada do exterior.
 Que coisa louca!
 Ideias que se distanciam de um ponto central
 convergem para o todo subjacente à compreensão
 compreensão – decodificação da substância exterior
 exterior – composto de sensações inteligíveis e incompreensíveis.

E no entanto todos dormem,
ou veem televisão,
ou jogam,
ou conversam,
animados e desanimados
realizados e irrealizáveis...

Todos dormem,
ainda que arregalem os olhos
àquilo que não veem
seus poucos sentidos
feridos de morte pelo veneno da ignorância forçada,
forjada ou até obtida por justa luta.
Que se pode dizer a esta gente?

Talvez que o mundo acabou...
Ou que vai começar após o próximo intervalo.

Arraial do Cabo, 1985.

Copyright

AUTO-ALGUMA COISA

A fome é um pedaço de muita-coisa

– ia dizer amor, mas fome é menos ideológico –

o ódio, não o tenho agora;

daí que não interessa.

O banho também é dispensável,

uma vez que já o tomei...

Então,

o que é que realmente interessa?

Vejamos.

Quem sabe o adultério?

Não, o adultério não existe,

é só uma interpretação errada

de uma troca momentânea.

Talvez o desejo:

não, é muito confuso, filosófico, longo, abstrato,

e, além do mais, desejo de quê?

O dente de sabre.

Não. Jamais o conheci.

Esquece, eu.

Falar não é bem o teu forte,

és melhor quando sentes.

Parece repetitivo.

Então deixa pra lá.

Arraial do Cabo, 1985.

O DIA DOS AFLITOS

Mais que um jogo
eis que mostraram os fortes
o sopro inútil
daquele lutador implacável.
Um favor obscuro
vago no esperar do alvorecer
esperando a esperança
enquanto começa devagar
algum novo recomeçar
na parte mais escura
no sentimento frustrado
por sobre aquilo que sempre persevera
por sobre o leque
queimando de tudo.
Uma queimada de fogos
os fumos da fogueira
fogueira de novo
outra vez queimando
a mentira da mente, enquanto
metido no parque
em cima da grama orvalhada,
um patinete,
porque de tudo na criança
o monstro apaixonado
zomba na escuridão
do dia dos aflitos.

Piratininga, 1985.

DAS PALAVRAS

Mesmo assim não vale a pena
se não for para que clareie o dia,
e se forem todos guiados pelo instinto adormecido
o amanhecer será ainda mais grandioso.

É nas épocas quentes do mundo
que se estragam os frutos humanitários
sem que se enojem dos galhos
as lagartas dançantes dependuradas numa tênue divagação.

E divagando vai o surdo
o mudo e o cego dão-se as mãos
e vida que te quero chegaste
de supetão enluarando meu coração.

Ainda que linhas traçadas sobre o papel
signifiquem não mais que a célebre expressão
vaga expressão
sincera, hostil, suave e mordente
expressando o poder de palavras dormentes.

Pois as palavras dormem
latentes, esquecidas, poderosas, submersas
em lágrimas, em sorrisos, em ares e mares
e todo poeta que vagueia por esse alvoroço literário
deveria merecer ao menos o aceno amigo
da palavra perseverança.

Piratininga, 1985.

UM MEDO BOBO

E se esta palavra me falhar?
E se outra ainda me faltar?
Que pena, não vai dar
este poema ficará por terminar.

E se esta noite me faltares?
E se com os amigos não contares?
Foi o acaso, te avisei
minha vida, por um triz, a ti não dei.

E o monstro do dinheiro?
E a sorte do parceiro?
Que dilema, e tudo o mais
é o prazer de voltar pra trás.

E o passado que não volta?
E o futuro que não vem?
O amor, da prisão o vento solta
a alegria, como disse, vem de trem.

A vida é longa por definição
até quando não se vê o coração
a morte, seu oposto mais sombrio
se parece com um pássaro arredo.

Dado o beijo, o que sobrou?
A paixão que de repente se acabou.
Ao descrente vão sinceros meus perdões
Ao que espera que se abram os portões!

Piratininga, 1985.

O PONTO FINAL

Não que seja algo especial,
talvez seja só um desabafo;
a pressa em dizer que alguma coisa
não vai bem
enquanto já corre o pensamento em outras paragens
onde tudo é festa e leveza sem igual;
é um duelo entre o rir e o chorar
entre a imagem e a tinta

– talvez a agonia de não ser tão rápido
quanto o fluxo que chega esbaforido
sobe a espinha, medula acima
e acaba esparramado nos neurônios
que, coitados, bem se esforçam
numa tentativa de reproduzir
o imaginário delírio do gosto do cheiro da impressão –

e o ponto final fugiu com medo
já que não há final, pois não houve começo;
tudo se resume no desejo de ser grande
enquanto, latente, vangloria-se humildemente o pequeno introvertido;
e se o mundo acabar amanhã?

Continuemos.

Na verdade o valor está em não questionar
a inspiração, em não revelar
a sensação, em não contar
a moral da história, em não saber
a origem do desejo de delatar aquele pouquinho de si mesmo.

Ainda que tudo seja admirável;
ainda que a poesia seja transcendente;
ainda que não haja ainda.

– Pois talvez amar seja
abraçar a promiscuidade sem trair,
como se o paradoxo não existisse
como se excitar fosse sinônimo de esquecer
e como se esquecer fosse igual
a lembrar amargamente –

e o que é o amor,
se não a alegria masoquista
de ser sádico na tristeza do parceiro,
e egoísta no gozo gratificadamente exaustivo?
Lembrando que ser egoísta
é querer para si o que não se quer jamais para os outros.
Simplesmente isso.

E mais nada.

Porém são tudo nomes
carregados de emoção
às vezes sim, às vezes não;
e resta saber se a falta da emoção
ainda assim emoção perneta é...

- E o ponto que não chega -

talvez não;
provavelmente a razão decifra-se nela mesma
ou na liberdade de se pensar o que se quiser;
pode ser também que a busca
do que não se sabe o quê
nada mais seja que a fotografia
da tentativa de ser onipotente
ao falar, ao fazer, ao escrever

- mais já não sei
já esqueci
nunca soube
e não quero me lembrar -

por isso a aparência um tanto confusa
das coisas que saem da parte de dentro do coração
ou seja, da imaginação;
a corrida desenfreada ofusca um pouco
o sentido das coisas

- é lógico,
o cérebro é um pouco mais rápido
que a mão.
E até que o pé -

o mosaico nem sempre é inexpressivo,
nem é tampouco desorganizado o desejo interior;
enfim a fala embolada
não atesta o teor do alcoólatra.

- Mas e se realmente houver
uma fórmula que torne as palavras
significativas em sua ordenação?

O caos.
A palavra é variante direta da energia,
aleatória, pictórica e cheia.
A lua é cheia, sem bem o ser
o ser é cheio, ainda que vazio
e o vazio é cheio de sentimento.
Salve a bagunça do limite do tempo e do espaço,
burocracias da vida.
O carrasco toma lugar,
enfim;
ajoelha-se a vítima sem dizer a última palavra
e desce a lâmina,
implacável, bela e reluzente;

aquilo que todos procuram sem achar
a solução da inflação
o desgosto do casamento
e a beleza da poesia,

– o ponto final.

Rio, 1985.

Copyright

CONTEMPLANDO O CASACO EM CIMA DA MALA

Entre os vãos e desvãos
brilha o sal do mistério
em não sendo do nada
bem possível e sério.
Ainda hoje se fala
de dias idos e vindos
pois o mistério gostoso
jaz aqui e ali
agora e nunca
ontem e amanhã
em mim, em ti ou em ninguém...
A história não prima pela originalidade
talvez irmane a salvação das vistas cansadas
que tanto olharam
que tanto riram e choraram.

Em Deus crê o pobre
porque é pobre;
mas em Deus crê o rico
porque é rico.

E nós cremos na pena,
dos pobres e dos ricos,
que traça linhas gozadas
numa tira de papel.

*Laurel, 1986.
(01/01)*

Copyright

UM DIA FUI REI

Inferno é sentir saudades
 sem saber de quê.
 Uma linha mais escura de solidão
 escondida no emaranhado do disfarce
 dos objetivos...
 Jamais um sino toca
 na vida de um infeliz
 visto que em sua morte
 ouvi-lo já não pode aquele.
 Porém vida e morte são arco e flecha
 e aqui o inferno outra vez
 - a corda!
 - quem puxa a corda?!

Vinte mil anos se passaram
 e ainda ilumina meu sonhar
 a pintura emoldurada
 pregada na parede
 do quarto dos planos do nosso amor.

Mas mais uma vez
 - e felizmente há sempre mais uma vez -
 chega a falta de inspiração
 e o sim se confunde com o não
 enquanto os pesares se ficam pra trás
 e mais uma noite esperança nos traz.

Perdoe princesa, a rima se foi
 é o indício da chegada
 da novidade do velho.
 Oh marcas de ruínas
 Oh feridas de prazeres
 Ah mas ainda tenho você
 recordação das recordações
 fugaz energia cheirosa e agradável
 lembrança de uma vibração mais sensual
 da ponta do vento
 safado a soprar por debaixo da sua saia
 transparente
 que desapareceu a pouco e pouco
 como se meus olhos arregalados
 piscassem inacreditando
 desaceitando as nuances do destino
 um destino que não sabe
 de onde nos traz
 e para onde nos leva
 um megero destino de migalhas de satisfação

como se o pôr do sol
fosse o nascer do cisne
não o breu mas o doce.

É, devaneio,
vieste e foste mais uma vez
sem ao menos deixar claro
se era dela ou de nada
a impressão de que tive saudade da lembrança
de que um dia fui rei
e que joguei meu cetro no futuro.
Só me esqueci de perguntar,
ó fada que não vejo,
em que praia deserta,
ou em que garrafa vazia,
ou em que ilha isolada,
ou em que terras distantes,
ou ainda em que corações solitários,
ou talvez em que mundo invisível,
foi ele,
brilhando de ouro,
fincado de meio,
me aguardar.

New York, 1986.

Copyright

POEMA SOBRE O NADA

Pra que gozar
se a mente dorme de luz acesa?
Pra que chorar
se somos a vara de condão?
Como falar
se a boca não tem saliva
e os sentidos embriagam-se
de prazeres passageiros?
A eterna busca do prazer
sem se saber o que fazer:
que coisa linda sentir amor
por um pedaço de papel, um mendigo, um arrepio sem valor;
que é prazer, que é amor
se não variações de uma mesma doença?
Ai Ai Ai, que escrevo?!
Um poema sobre o nada – outra vez.
Escrevo, parece,
sobre a agonia de viver,
pois sem ela não há vida.
Cada vez que raia o dia
foi-se o passado ou chegou o futuro
– depende, criança –
a não ser que seja sonho
o desprezo dos momentos infelizes
o desejo de sorrir constantemente.
Ora, se a vida é isso
então pra que viver?
Ou então por que morrer?
São todos caminhos vários para o sonho
que sonha a humanidade.
Um pouco desesperada, talvez,
mas consciente do sonho
embora inconsciente da consciência do sonho.
Escrevo ainda sobre a esperança
de que passe a dor nas costas
de que outro Gandhi renasça um dia
e de que os ídolos
sejam só ídolos
– preferiria que não existissem –
pois sem ídolos não há sonho
e sem sonho não há vida.
Isto, se isso tudo for verdade.
Escrevo, finalmente,
sobre a contradição da beleza das palavras;
porque, se nascemos para morrer...
então...
se sorrimos para chorar...
ora...
se comemos as incertezas
e bebemos as dificuldades

para vomitar frases isoladas
com sentido conexo
aí...
aí fica difícil.

New York, 1986.

Copyright

INACABADO

O cão latiu três vezes assustado
e o solo tremeu com raiva
cem desejos amedrontados
na garganta estocados furiosos.

Das chamas o demônio saiu
a moça de unhas brancas singelas
aparvalhado, o edifício João deixou
no funeral as coroas eram simples.

Objetos de valor podem se perder
em mil anos de solidão
as cartas do coração nos olhares se extraviam
e murmura em delírio o ermitão.

Vem devagar, ó meu amor
um bebê foi esmagado
vidas se encontram na paixão
amores se perdem soterrados.

Os anos são invisíveis
para o cego que não se vê
meus arrepios são etéreos
mas o interno não se olha.

Ainda é cedo pra dizer
o dia ainda é noite bem novinha
certas histórias não se contam
no ardor da afoita e imprudente juventude.

Milhares de vidas se perderam
guerra ciúme solidão e exagero
vermes saindo das orelhas dos que desapareceram
não adianta, enfim, falar demais.

As rimas não rimam às vezes muito bem
o segredo nem sempre é pra ser descoberto
a mulher que amo é excelente
porque ao dormir deixa meu coração aberto e nu.

Se digo bobagens é porque aprendi
mas o rádio não para de falar
embora nem tudo possa ser assimilado
os poetas têm muito pra dizer.

Em uma linha às vezes se diz tudo
após horas de leitura atenta, tensa
pensam que não conseguimos dizer nada
pois não deixaram o coração ser relaxado.

CANÇÃO DE NINAR

Se a porta tem defeito
o papagaio já morreu
o destino é imperfeito
e o amor um rei plebeu.

New York, 1986.

Copyright

VIVER PRA PODER TE AMAR

Cuidado, amor, pra não quebrar
você tem meu coração, mas tem de saber usar
a distância e o tempo – tudo passageiro
mas meu amor não o compra nenhum dinheiro.

Teu poeta, profissão: escritor
Em dieta, ocupação: estofador

A máxima do dia é viver
pra poder lutar
o objetivo é vencer
pra poder te amar.

Um beijo, destino: tua vaidade
Um soluço, origem: minha saudade

Milhares de anos vão passar
antes que entenda o que aconteceu
observo um gatinho a andar
vai ver foi o crime que bateu.

Duas palavras, doença: te querer
Tristeza, cura: esquecer.

New York, 1986.

Copyright

A ROSA

Vá de vento em vento
Leve devagar
Com carinho e com jasmim
Um pouquinho mais de mim
Deixe que um sopro
Só um sopro de seus lábios
Diga a esse estranho
Que de longe vem e vai
Que o amor tem vida curta
Para ele – cresce e cai
Diga e não convença
Mostre mas não diga
Fale mas não olhe
Ou do chão o vai tirar
E das unhas escarlates
Não apague todo o brilho
Pois meu sonho tem tamanho
De amor depois do banho.

Myrtle Beach, 1986.

Copyright

LEVA O MEU BEIJO

São as penas da galinha
noutra terra que não essa
o sentido vem com o tempo
e um beijo é uma promessa.

Se amar tem seus defeitos
não amar é ainda mais torto
desamor então nem diga
é da luz o fogo morto.

Vinte vezes já amei e outras tantas vou amar
de sabor em dissabor cá espero a velhice
pois das rugas sou o mestre incontáveis e surpreso
seus olhares e seus ares a mim sempre terão preso.

Já falei e desfalei
do que sinto por você
põe maçã ou põe com queijo
e leva contigo o meu beijo.

Myrtle Beach, 1986.

Copyright

de amor e tesão
ou de fome e compaixão
de vida bela e morte suave
de gente de corpo e mente.

Hoje acenderei uma vela pra rima.

Myrtle Beach, 1986.

Copyright

DESEJO*(para Agenor&Alice)*

Em correndo me apressei pra te dar um pensamento
foram tantos os caminhos que por fim me decidi
pensamentos vêm com o vento
em meio à embriaguez cósmica das coisas
finito finito
sem dar muito fiquei pobre
pois meus bens hipotequei
ainda que por tempo escasso
porque o que é a grande distância e o tempo que não passa,
se não o desejo de alguma coisa?

Ah! Tesouro que é a prosa
com a gente lá dentro
a vida é uma flor mimosa
da qual no perfume entro.

Valham-me nuvens do céu
que em carícias excitam meus olhos
carreguem pra longe o que do mundo os homens choram
e tragam a vibração
de um mundo retocado
pespontado e arrematado
pelo meu amor.
Velejando em saudades e pasmado na existência
ainda assim tenho a poesia
pra dizer que do além de qualquer preço
tenho os braços repiados
com a sensação do teu chamego
e em círculo se postam
teus escravos
à espera de teu corpo pra envolver.

Que são as rimas?
São só coisas abstratas
de que se valem os poetas
que, isolados, se desfru(s)t(r)am
de A ou B ou cá ou lá
mas meu prantinho escrito
soa como o mar moreno desaguando em pelo ruivo
e coração por coração
aposto o meu contra dois teus
que teus olhos serão meus.

Que paixão, que limão, que nada!
Considere-se abraçada.
Isso é o medo de te perder
que vive sempre a me morder.

Myrtle Beach, 1986.

Copyright

ADEUS

Tudo são linhas
de pontos coloridos
talvez um pouco enevoados
e tudo aqui é movimento
dentro e fora
e tudo são luzes
coloridas que se movem
há um misto de modorra
sono e solidão
mas também agitação
temperando a pequena náusea
com uma pitada de remorso
 vaidade dividida entre o ir e o ficar
porque o que se não fez
queria fazê-lo
e o que se fez
será menor do que o imaginável
e então o amarelo pontilhado
e aí é tudo nada
preto, nada,
fica só o desejo de ver no escuro
como se a vida fosse só
um eterno ruído sacolejante
mas agora tem a paz
da música
oh música minha amiga
vou e volto e sempre
sempre estás comigo
que tuas notas me arripiem
faze com que...
e aí dá uma vontade de chorar...
de lamentar não sei o quê
mas este mundo ao meu redor
não sabe do que escrevo
não entenderiam
infantil ou pueril;
é: dá uma vontade de chorar...
mas o choro não sai
não quer sair, não quer voltar
e não quer ficar
quer lembrar e esquecer.
Não.
Quer lembrar
para sempre dos pontículos amarelos
do ruído persistente
de tudo que uma lágrima saudosa
um dia há de contar.
Adeus.

Fica pra trás um pedaço de mim mesmo
como se um pé deixasse atrás
na esperança de que não tenha mais degraus
e agora sim ela desce devagar
lavando a poeira que no rosto ainda trago
ardendo os olhos que insistem
na linha amarela
separando um pedaço do nada
aqui no meio do ruído
no meio do barroco
e no meio do balanço
no fundo só há silêncio
silêncio e pensamento.
Adeus, até logo, não sei
alô, se apresente o que verei.

*New York, 1986.
(no avião)*

Copyright

DE NOVO, O AMOR

Não há muito que dizer sobre o amor
aliás, você tem pernas bonitas
e teu rosto então...
ah – que vestido bonito
vermelho
e voltando ao amor,
é tudo uma flor
rodeada de beija-flores
pairando, esvoaçando
beijando e se avoando
é... o amor...
e essas coisas que você diz
que tocam lá naquele cantinho
onde nem o coração alcança
que voz, que entonação.
E o amor, de tão presente
fica esquecido
hábito anestesiado
poesia mal feita
e esse teu corpo tão marcante
essa presença excitante
não sei,
acho que o pai tinha razão
mulher é o começo do meu mau caminho...
Mas o importante é o amor
essa coisa maldita
que atíça e esmorece
que desliga e determina
essa coisa estranha
que maltrata e faz gozar
que linhas obscuras
faz traçar
eu acho que o amor é você
ou você o meu amor
sei lá,
essas coisas de amor
são confusas, me entorpecem
o problema é descobrir
onde é que se escondeu
a coragem, essa danada
pra pedir pra você ser
a minha eterna namorada.

Rio, 1986.

POR PERTO

Não é bem um sentimento
esse vai-e-vem desordenado
vou vivendo ou vou morrendo
não importa, estou sentado.

Não é do desespero
que as marcas
me traçam estas linhas
é tudo uma única vontade
de que tudo comece a dar certo
e que você esteja sempre por perto.

Meu futuro treme diante de mim
com medo de não existir
já servi trinta anos na prisão
por não ter você então.

Rio, 1986.

Copyright

DE DIA E DE NOITE

Não sei
o que vejo
espero
o teu beijo.

Teu nome
uma canção
te querer
a perdição.

A lembrança do dia
o fardo da noite
moleque travesso
amor e açoite
de dia lembrar
de à noite te amar.

Rio, 1986.

A UMA ESTRELA

Estrela estrela minha
que me ilumina cada vez mais
que queres tu fazer?
Transtornar este rapaz?

Ainda ontem te pedi
que trouxesses minha amada
ainda hoje refleti
e não quero nem mais nada.

Que alegria, que delícia
me lembrar de uma carícia
vejo a luz, acordo e saio

para sempre teu laçao.
Mais amor não posso dar
a uma estrela sem amar.

Rio, 1986.

Copyright

ALENTO

Meu único alento
é descobrir
a cada momento
a cada som diferente que ouço
a cada palavra que se tira do bolso
que há coisas que não conheço
que embora a dor
seja o ridicularizar da existência
e a agônica impotência diante do mistério da morte
ainda há os famosos mares nunca dantes naufragados
porque sagrados
que embora a alegria
seja a doce ilusão paliativa de momentos tão rápidos
e a sarcástica glória de viver a vida
ainda há aquela canção que não ouvi
é isso
a canção que ainda não ouvi
feliz alento do existir
porque é alegre e triste sentir
que na turbulência de todas estas minhas sete vidas
estas confusas palavras um dia serão lidas.

Na noite solitária do meu quarto
brilha uma luz amarelada
olho pra ela e medito
contemplo os prédios e as árvores
e em meio a tudo isto tão finito
penso em quantos como eu terão o coração aflito...

Rio, 1986.